

UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS
INSTITUTO DE PSICOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

NADMA THAUARA GOMES DE OLIVEIRA SANTOS

**A INFLUÊNCIA DO RACISMO NAS RELAÇÕES AFETIVO-SEXUAIS DE
MULHERES NEGRAS**

MACEIÓ

2023

NADMA THAUARA GOMES DE OLIVEIRA SANTOS

**A INFLUÊNCIA DO RACISMO NAS RELAÇÕES AFETIVO-SEXUAIS DE
MULHERES NEGRAS**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-graduação em Psicologia da Universidade Federal de Alagoas, como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Psicologia.

Orientadora: Prof.^a Dra. Sheyla Christine Santos Fernandes

MACEIÓ

2023

Catálogo na Fonte
Universidade Federal de Alagoas
Biblioteca Central
Divisão de Tratamento Técnico

Bibliotecário: Marcelino de Carvalho Freitas Neto – CRB-4 – 1767

F383c Santos, Nadma Thauara Gomes de Oliveira.
Influência do racismo nas relações afetivo-sexuais de mulheres negras / Nadma Thauara Gomes de Oliveira Santos. – 2023.
75 f. : il.

Orientadora: Sheyla Christine Santos Fernandes.
Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Universidade Federal de Alagoas.
Instituto de Psicologia. Programa de Pós-Graduação em Psicologia. Maceió, 2023.

Bibliografia: f. 59-65.
Anexos: f. 66-75.

1. Negras - Crenças e comportamentos. 2. Relações afetivo-sexuais. 3. Racismo. I. Título.

CDU: 159.9:323.14



UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS – UFAL
INSTITUTO DE PSICOLOGIA - IP
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA – PPGP
TERMO DE APROVAÇÃO

NADMA THAUARA GOMES DE OLIVEIRA SANTOS

Título do Trabalho: “A INFLUÊNCIA DO RACISMO NAS RELAÇÕES AFETIVO-SEXUAIS DE MULHERES NEGRAS”.

Dissertação aprovada como requisito para obtenção do grau de Mestre em Psicologia, pelo Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal de Alagoas, pela seguinte banca examinadora:

Orientadora:

Prof.^a Dra. Sheyla Christine Santos Fernandes, PPGP/UFAL (Orientadora)

Banca Examinadora:

Documento assinado digitalmente

PATRICIA DA SILVA

Data: 03/07/2023 19:39:10-0300

Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof.^a Dra. Patrícia da Silva, UFAC (Examinadora Externa)

Prof. Dr. Leogildo Alves Freires, PPGP/UFAL (Examinador Interno)

Maceió-AL, 31 de março de 2023.

“Eu sou porque nós somos”
(Ubuntu)

AGRADECIMENTOS

Aos meus pais Nadma e Walter, por estarem sempre presentes na minha vida, e por serem referência em meus caminhos.

Ao meu companheiro, amigo, namorado e esposo Gabriel. Meu amor, você foi e é peça fundamental para que eu pudesse chegar até aqui.

Aos meus familiares, obrigada por tudo e por tanto.

Aos meus ancestrais, obrigada por essa força que me move, direciona, repotencializa e me faz ser quem eu sou.

Agradeço à minha orientadora, a professora Sheyla, pela competência, compreensão e paciência. Obrigada, por acreditar que chegaríamos ao final.

Aos colegas do Laboratório de Investigação em Cognição e Comportamento Social (LAICOS/UFAL), obrigada por todas as trocas realizadas em nossos encontros. Em especial: a Alanda, Jesana, Dani e Thaísa, por toda a ajuda e pelos momentos de partilha, validação e fuga nas horas difíceis.

RESUMO

O primeiro estudo analisa de que forma é reportado na literatura as crenças e comportamentos de mulheres negras sobre a sexualidade. Trata-se de um estudo de revisão integrativa da literatura, por meio do fluxograma prisma, no qual foram utilizados os descritores “mulheres negras”, “comportamento” e “sexualidade”. As bases de dados utilizadas foram SciELO, PePSIC, LILACS, MEDLINE e PsycINFO. Neste estudo foram incluídos artigos científicos publicados a partir de 2012, em língua inglesa e portuguesa, diretamente relacionados ao tema analisado; resultando em 06 estudos que compuseram a amostra. Foi possível observar que as crenças e comportamentos de mulheres negras sobre sexualidade são reportados de diversas formas, tendo como ponto em comum a presença de três eixos: a interseccionalidade, o padrão cultural de beleza e a hipersexualização. Diante desses três eixos foi possível traçar o objetivo geral do segundo estudo que busca analisar as crenças comportamentais, normativas e de controle de mulheres negras sobre os três eixos citados: interseccionalidade, hipersexualização e padrão cultural de beleza. A partir do referencial teórico da Teoria da Ação Planejada foram realizadas entrevistas semiestruturadas com 10 mulheres de diferentes estados brasileiros e com diferentes níveis de escolaridade. As entrevistas foram transcritas e analisadas a partir do software Iramuteq. O que se pode perceber é que as relações afetivas sexuais de mulheres negras são permeadas por crenças em relação a sua beleza – inicialmente essas mulheres acreditavam que modificar os seus copos seria o suficiente para alcançar determinados espaços e serem aceitas, posteriormente tem-se uma ruptura dessas crenças. Em relação a sua sexualidade, a hipersexualização dos seus corpos se faz presente e existe uma pressão social para que elas desempenhem um determinado papel social, que também é rompido posteriormente. E o último eixo das crenças se evidencia a partir do conceito de interseccionalidade, onde espera-se que essas mulheres ofereçam questões pertinentes ao gênero, a raça e classe para que ocorra um relacionamento duradouro. Diante da demanda social, a mulher negra na atualidade acaba rompendo com o padrão de crenças estabelecido o que a leva a um lugar de solidão nas relações afetivo-sexuais.

Palavras-chave: Mulheres negras; Relações afetivo-sexuais; Racismo; Crenças e comportamentos.

ABSTRACT

The first study analyzes how the beliefs and behaviors of black women regarding sexuality have been reported in the literature. It is a study of integrative review of the literature, by means of the prism flowchart, not which descriptors “black women”, “behavior” and “sexuality” are used. The databases used are SciELO, PePSIC, LILACS, MEDLINE and PsycINFO. This study includes scientific articles published since 2012, in English and Portuguese, directly related to the topic analyzed; Resulting in 06 studies that we composed to show. It was possible to observe that the beliefs and behaviors of black women about sexuality are reported in various ways, tending to have three things in common: intersectionality, the cultural standard of beauty, and hypersexualization. Given these three axes, it was possible to outline the general objective of the second study that seeks to analyze the behavioral, normative and control beliefs of black women on the three axes mentioned: intersectionality, hypersexualization and cultural standard of beauty. Based on the theoretical framework of the Theory of Planned Action, semi-structured interviews were conducted with 10 women from different Brazilian states and with different levels of education. The interviews were transcribed and analyzed using the software Iramuteq. What can be seen is that the sexual affective relationships of black women are permeated by beliefs regarding their beauty - initially these women believed that modifying their glasses would be enough to reach certain spaces and be accepted, later there is a rupture of those beliefs. In relation to their sexuality, the hypersexualization of their bodies is present and there is social pressure for them to play a certain social role, which is also broken later. And the last axis of beliefs is evident from the concept of intersectionality, where these women are expected to offer questions pertinent to gender, race and class so that a lasting relationship can occur. Faced with social demand, the black woman today ends up breaking with the established pattern of beliefs, which leads her to a place of loneliness in affective-sexual relationships.

Keywords: Black women; Affective-sexual relationships; Racism; Beliefs and behaviors.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Capítulo 1

Figura 1 – Fluxograma de seleção dos estudos segundo o *Preferred Reporting Items for Systematic Reviews and Meta-Analysis* (PRISMA)

Capítulo 2

Figura 2 – Modelo da Teoria da Ação Racional (TAR) e Teoria da Ação Planejada (TAP)

Figura 3 – Dendrograma da CHD do Corpus “crenças sobre as relações afetivas de mulheres negras”

LISTA DE TABELAS

Capítulo 1

Quadro 1 – Elaboração da pergunta norteadora através da aplicação da estratégia PVO.

Quadro 2 – Aplicação da estratégia nas bases de dados e total de artigos localizados por base.

Quadro 3 – Aplicação da estratégia nas bases de dados e total de artigos localizados por base

Capítulo 2

Quadro 4 – Caracterização da Amostra

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AHRQ	Agência de Saúde, Pesquisa e Qualidade
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
PRISMA	Principais itens para relatar Revisões sistemáticas e Meta-análises
PVO	População, variáveis e desfecho
PICO	Paciente, intervenção, comparação e desfecho
TAP	Teoria da Ação Planejada
TAR	Teoria da Ação Racional
A	Atitude
NS	Norma subjetiva
CCP	Controle comportamental percebido
IC	Intenção comportamental
TCLE	Termo de Consentimento Livre e Esclarecido
IRAMUTEQ	Interface de R pour les Analyses Multidimensionnelles de Textes et de Questionnaires
CHD	Classificação hierárquica descendente
X ²	Qui-quadrado
ST	Segmentos de texto

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO GERAL	13
2. CAPÍTULO 1 – A MULHER NEGRA E SUA SEXUALIDADE NA LITERATURA: UMA REVISÃO SISTEMÁTICA INTEGRATIVA	14
2.1. Introdução	14
2.2. Metodologia	18
2.2.1. Estratégia de pesquisa nas bases de dados.....	18
2.2.2. Critérios de elegibilidade adotados nos estudos.....	21
2.2.3. Análise dos dados obtidos	22
2.3. Resultados e Discussão	23
2.4. Conclusão	32
3. CAPÍTULO 2 – CRENÇAS E COMPORTAMENTOS DE MULHERES NEGRAS SOBRE INTERSECCIONALIDADE, PADRÃO CULTURAL DE BELEZA E HIPERSEXUALIZAÇÃO: UM ESTUDO A PARTIR DA TEORIA DA AÇÃO PLANEJADA	34
3.1. Introdução	34
3.2. Metodologia	38
3.2.1. Tipo de estudo	38
3.2.2. Participantes	38
3.2.3. Instrumentos	39
3.2.4. Coleta de dados.....	42
3.2.5. Análise e processamento dos dados	42
3.3. Resultados e Discussão	43
3.4. Conclusão	54
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS	56
5. REFERÊNCIAS	58
ANEXOS	65

ANEXO I	65
ANEXO II	69
ANEXO III	73

1. INTRODUÇÃO GERAL

A compreensão sobre raça como referência a diferentes grupos de seres humanos tem origem no século XVI. O significado de raça está vinculado a circunstâncias históricas relacionadas a poder, conflito, contingência e decisão, ou seja, não é um termo imutável (SILVIO ALMEIDA, 2019).

Um dos legados da escravidão no Brasil foi o racismo científico do século XIX, que favoreceu a hierarquia entre as raças, colocando em posições de superioridade ou inferioridade naturais. Essa concepção de considerar um grupo de seres humanos mais ou menos do que outro grupo de pessoas, gerou e normalizou as desigualdades sociais e de direitos (SUELI CARNEIRO, 2011).

Ao analisar as consequências do histórico de escravidão do país, são para além de questões socioeconômicas, interfere nas questões pessoais, como a estética, afetividade, e na própria autoestima da mulher negra. Ademais, em consequência da escravidão, as mulheres negras são vítimas de violência sexual, física, psicológica e patrimonial desde o período colonial (TAMYRES MESSIAS; MALÚ AMORIM, 2019). Esse passado escravagista resultou na ideia de que mulheres negras poderiam suportar crueldades e eram objetos sexuais e de reprodução, sendo ainda hoje objetificadas sexualmente (ANA PACHECO, 2013; CAMILLA VIEIRA, 2020).

A estrutura sociocultural brasileira se concretiza nas relações afetivos-sexuais ao interferir nas preferências afetivas das pessoas e acesso ao afeto, dessa forma, indicando quem tem o direito de receber afeto e ser escolhido (a) e quem não tem, de acordo com a raça. Nesse sentido, a escolha de potenciais parceiras afetivos-sexuais é realizada via racialização da negritude e não racialização da branquitude (ANA PACHECO, 2013; CAMILLA VIEIRA, 2020).

O racismo e o sexismo, constituídos através do colonialismo, atuam como reguladores societários e interferem na subjetividade e afetividade sexual atualmente (Ana Pacheco, 2013; Camilla Vieira, 2020). Sendo assim, frequentemente as mulheres brancas são as preferidas para relações duradouras, colaborando para a solidão de mulheres negras (ANA PACHECO, 2013; CAMILLA VIEIRA 2020).

Diante disso, com o objetivo de compreender de que forma se estruturam as relações afetivos-sexuais de mulheres negras diante do racismo, buscou-se analisar as produções bibliográficas acerca das crenças e comportamentos de mulheres

negras sobre a sexualidade e investigar os efeitos do racismo nas relações afetivo-sexuais de mulheres negras.

O presente estudo está dividido em dois capítulos, sendo o primeiro intitulado “A mulher negra e sua sexualidade na literatura: uma revisão sistemática integrativa”. Neste capítulo foi realizada uma revisão integrativa de literatura para analisar evidências, teorias, definição de conceitos e análise de problemas metodológicos relacionados à sexualidade da mulher negra.

O segundo capítulo, intitulado “Crenças e comportamentos de mulheres negras sobre interseccionalidade, padrão cultural de beleza e hipersexualização: um estudo a partir da Teoria da Ação Planejada”, é uma pesquisa qualitativa realizada através de entrevistas semiestruturadas com a finalidade de identificar e analisar as crenças e comportamentos de mulheres negras acerca da temática pesquisada. Para fundamentação teórica deste capítulo, foi utilizada a Teoria da Ação Planejada (TAP).

Na conclusão desta dissertação há as “Considerações Finais”, em que são apontadas as limitações do estudo e questões que poderão ampliar o tema da pesquisa.

2. CAPÍTULO 1 – A MULHER NEGRA E SUA SEXUALIDADE NA LITERATURA: UMA REVISÃO SISTEMÁTICA INTEGRATIVA

2.1. Introdução

Apesar de vários avanços nas esferas sociais e econômicas, rumo a superação de desigualdades psicossociais, a questão do racismo ainda é uma problemática enfrentada cotidianamente pela população negra no Brasil e no mundo (KABENGELE MUNANGA, 2000).

Para Maria Helena Zamora (2012) é necessário superar a ideia de que melhorando apenas a desigualdade social a questão racial será resolvida, porque o racismo não se reduz apenas à pobreza e à miséria. Além disso, essa problemática precisa ser tratada com a seriedade que merece, pois, a questão racial influencia na seleção entre quem tem direito ou não à cidadania, quem deve ser protegido ou não e quem merece ter uma vida digna ou não.

Isso leva em consideração a convicção na existência de um processo natural de hierarquização das raças, a qual considera que as características morais e intelectuais de um grupo são provenientes das suas características físicas e/ou biológicas. Isso, em via de regra, favorece e sustenta os processos de categorização, hostilidade e generalização, vitimando um grupo ou um indivíduo.

Ainda sobre o fenômeno citado - racismo, este pode ser percebido como uma ideologia, exercida em práticas flagrantes ou comportamentos implícitos, como restrições de acesso, falas e atos discriminatórios (PIERRE-ANDRÉ TAGUIEFF, 2001); ou uma atitude, crença, prática ou ação, que visa a manutenção de privilégios raciais (CARLOS HOYT JR, 2012).

Segundo Márcia Pinto e Ricardo Ferreira (2014) o racismo sustenta desigualdades e delimita uma representação do negro como socialmente inferior aos demais indivíduos. Um exemplo disso é que no período da escravidão no Brasil, apesar de que a população negra ocupava um lugar de destaque no processo produtivo, sendo a principal força motriz do sistema econômico nacional, os negros eram considerados seres desprovidos da condição humana e por isso estavam submetidos a condições extenuantes de trabalho e precárias de saúde, educação e sobrevivência (MÁRCIA PINTO; RICARDO FERREIRA, 2014).

Dados do IBGE sobre o panorama social do Brasil relativos ao ano de 2018, sugerem que a desigualdade social no país tem cor, ou seja, uma relação intrínseca com a questão racial. Apesar de a população negra ser maior parte da nação brasileira (55,8%) e da força de trabalho (54,9%), somente 29,9% destes ocupam cargos de gerência. Além disso, a média do rendimento da população negra que trabalha formalmente é cerca de R\$ 1.600,00 contra quase R\$ 2.800,00 das pessoas brancas, sendo que essa desigualdade salarial poderia ser maior se fossem contabilizados os trabalhos informais, que são majoritariamente desempenhados pelos negros no país (BRASIL, 2018).

Com relação a violência, outro dado chama a atenção. A taxa de homicídios de jovens negros é quase 3 vezes maior que dos brancos. Assim, com base nos dados coletados pelo IBGE em 2018, no que concerne ao panorama social e racial do território brasileiro, percebe-se que a população negra possui severas desvantagens em relação à branca, em relação a: educação, mercado de trabalho, distribuição de

rendimento e condições de moradia, saúde, violência e representação política (BRASIL, 2018).

Nesse contexto, é possível perceber como o racismo estrutura as relações em nossa sociedade. O que nos conduz a constatar que racismo pode ocorrer de diversas formas, cujas expressões dependem dos contextos sociais, históricos, culturais e das normas sociais de onde esse fenômeno se manifesta; sendo que com o passar dos anos, percebe-se uma mudança significativa na forma que o racismo é externalizado, pois enquanto que o racismo clássico¹ é manifestado de forma mais aberta e flagrante, o racismo moderno² é expresso em comportamentos sutis e discriminatórios que fazem parte do cotidiano dos indivíduos, as chamadas novas expressões do racismo, segundo Marcus Lima e Jorge Vala (2004).

Dentro da questão racial brasileira, faz-se necessário falar ainda, especificamente, sobre as mulheres negras, já que dentre os indivíduos impactados pela escravidão e pelos seus processos de subordinação, a mulher negra foi a mais oprimida e humilhada, devido ao fato de muitas vezes algumas terem a mesma carga de trabalho dos homens, ainda tinham seus copos violados pelos senhores brancos, devido a suposta permissividade sexual atribuídas as “mulatas”, a erotização exacerbada atribuída ao corpo das mulheres negras e a necessidade da reprodução, para gerar novos escravos (ISABELE GAMA; RAMON OLÍMPIO, 2018).

As mulheres negras estão sujeitas a três tipos de opressão concomitantes: a racial, por serem negras; de gênero, por serem mulheres; e, de classe, devido ao fato da maioria pertencer às camadas mais baixas da população brasileira; sendo que este processo de vulnerabilidade simultânea pode ser compreendido através da questão das múltiplas identidades sociais ou ainda por meio da interseccionalidade (DALILA FRANÇA; MARCUS LIMA, 2019).

¹“O racismo moderno se baseia no seguinte conjunto de crenças e avaliações: a) a discriminação é uma coisa do passado porque os negros podem agora competir e adquirirem as coisas que eles almejam; b) os negros estão subindo economicamente muito rápido e em setores nos quais não são bem-vindos; c) os meios e as demandas dos negros são inadequados ou injustos e, d) os ganhos recentes dos negros não são merecidos e as instituições sociais lhes dão mais atenção do que eles deveriam receber” (Lima, Vala, 2004, p. 404).

²Mais direto, aberto e quente (Lima, Vala, 2004).

Com relação às múltiplas identidades sociais, Dalila França e Marcus Lima (2019) abordam que os indivíduos não são dotados de uma identidade singular, mas oriundos de uma complexa rede de identificações, ou seja: o pertencimento simultâneo a grupos sociais distintos, refletindo o grau de sobreposição existente entre os grupos aos quais uma pessoa simultaneamente faz parte e os momentos subjetivos que cada indivíduo vivencia. Faz-se necessário compreender essa estrutura de múltiplas identidades sociais porque as representações dos grupos sociais não têm efeito somente no autoconceito, mas também sobre a natureza das relações consigo e com os outros (SONIA ROCCAS; MARILYNN BREWER, 2002).

Já a interseccionalidade é a interação entre dois ou mais eixos de subordinação, como a raça, o gênero e a classe social que criam desigualdades e estruturam as posições relativas dos grupos e indivíduos. Esse processo de associação de diversos eixos de subordinação frequentemente atinge grupos sociais que estão sujeitos a múltiplas opressões (KIMBERLÉ CRENSHAW, 2002).

A interseccionalidade também pode ser entendida como uma ferramenta analítica proveniente de uma práxis-crítica que inclui gênero, sexualidade, raça, classe social, status de cidadania, faixa etária, nacionalidade e etnia como fragmentos que moldam diversos fenômenos e problemas sociais, tendo nesse contexto como ideias centrais: a desigualdade social, as relações de poder interseccionais, o contexto social, a relacionalidade, a justiça social e a complexidade (PATRICIA COLLINS; SIRMA BILGE, 2020).

Assim, esses eixos de análise descritos se sobrepõem e funcionam de maneira unificada, não sendo excludentes entre si. Além disso, apesar de geralmente invisíveis, essas relações interseccionais de poder afetam todos os aspectos do convívio social (PATRICIA COLLINS; SIRMA BILGE, 2020).

Com relação à intersecção de gênero e raça, as mulheres negras são mais predispostas a internalizar emoções e utilizar estilos de enfrentamentos passivos para lidar com o racismo (ALEX PIETERSE; ROBERT CARTER; KILINDA RAY, 2013). Nesse sentido, os estereótipos construídos acerca da mulher negra continuam presentes no ideário social e estão atrelados a um lugar de subalternidade, espaço esse que ainda hoje delimita relações afetivas, sociais e profissionais (TARCÍZIO SILVA, 2020).

Com relação às relações afetivas, especificamente as escolhas dos parceiros afetivos dependem de parâmetros como raça, sexo, idade e classe para se consolidar (ANA PACHECO, 2008). A exaltação sexual do corpo da mulher negra atrelada ao culto à sensualidade da “mulata” são elementos importantes para se pensar as relações afetivas que se construíram ao longo da história de nossa sociedade branca e machista (SUELI CARNEIRO, 1995).

O evidente preterimento afetivo das mulheres negras quando comparado às mulheres brancas é reforçado através da disseminação de estereótipos, como não serem vistas propriamente como mulheres, a objetificação sexual de seus corpos, o da mulher negra forte e que se basta, não necessitando de cuidado, empatia e afeto (ANA PAULA RODRIGUES, 2020). Nessa direção, quando a cor da pele determina quem pode ser visto como pessoa ou não, amado ou não, ou visto como humano ou não, estamos falando sobre o racismo no âmbito sexual, que pode ser entendido como a preferência individual por sujeitos de raças específicas, ou seja, uma tendência a selecionar parceiros sexuais com base na cor da pele (DENTON CALLANDER; CHRISTY NEWMAN; MARTIN HOLT, 2015).

Esse preterimento por raças específicas é socialmente construído, sendo baseado nos padrões de beleza disseminados pela cultura, refletindo estereótipos, características e imagens atribuídos aos sujeitos de grupos minoritários que são inculcadas em nós sem que tenhamos, muitas vezes, o controle consciente. Apesar da prática sexual entre raças distintas e a miscigenação serem vistas como atributos inerentes à sociedade brasileira, enxerga-se que no “mercado afetivo” existe uma seletividade conjugal, que oprime as mulheres negras (ANA PACHECO, 2008).

Tendo em vista as questões apresentadas, esse artigo analisa de que forma são reportados na literatura as crenças e os comportamentos de mulheres negras sobre a sexualidade.

2.2. Metodologia

2.2.1. Estratégia de pesquisa nas bases de dados

O presente estudo corresponde a uma revisão integrativa de literatura realizada entre os meses de novembro de 2021 e junho de 2022. Segundo Marcela Souza,

Michely da Silva e Rachel de Carvalho (2010), este método possibilita a síntese de conhecimento e a incorporação da aplicabilidade de resultados de estudos diversos – experimentais e não experimentais –, combinando dados da literatura teórica e empírica, podendo proporcionar: a análise de evidências e teorias, definição de conceitos e análise de problemas metodológicos de um tópico particular. Devido à gama de potencialidades atribuídas à revisão integrativa de literatura, as autoras ainda a consideram como a mais ampla abordagem metodológica referente às revisões.

A escolha deste método se deu em função da complexidade do tema: “A Influência do Racismo nas Relações Afetivo-sexuais de Mulheres Negras”, já que de acordo com Karina Mendes, Renata Campos e Maria Cristina Galvão (2008) a revisão integrativa de literatura, que tem como finalidade a investigação do estado atual de uma temática específica, podendo ser empregada em situações cujo objeto de estudo tenha um volume alto de informações, dificultando num primeiro momento a análise crítica, caso fossem aplicados métodos de pesquisa mais simplificados.

Ao longo da realização da revisão, seguiu-se os seis passos apontados por Karina Mendes, Renata Campos e Cristina Galvão (2008), a saber: 1) identificação do tema e seleção da hipótese ou questão de pesquisa para a elaboração da pergunta norteadora que guiará a revisão; 2) realização da amostragem ou busca na literatura nas bases de dados por meio de descritores previamente selecionados, seguindo critérios de inclusão e exclusão; 3) categorização dos estudos, definindo as informações a serem extraídas; 4) análise crítica dos estudos incluídos; 5) discussão e interpretação dos resultados obtidos; 6) apresentação da revisão propriamente dita.

Durante primeira fase da revisão, para concepção da questão norteadora foi utilizada a estratégia PVO³ (*Quadro 1*); metodologia desenvolvida por Elisabeth Biruel e Rosimeire Pinto (2011) a partir da técnica PICO⁴. Nessa direção, a construção da pergunta norteadora por meio da técnica PVO pretendeu “facilitar um diagnóstico

³ PVO, P = população, contexto, situação problema. V = variáveis propostas ou não pelo pesquisador. O = desfecho do estudo ou aquilo que se espera responder na investigação (Elisabeth Biruel; Rosimeire Pinto, 2011).

⁴ PICO é o acrônimo para **P**aciente, **I**ntervenção, **C**omparação e **“O**utcomes” (desfecho). Tal estratégia “pode ser utilizada para construir questões de pesquisa de naturezas diversas, oriundas da clínica, do gerenciamento de recursos humanos e materiais, da busca de instrumentos para avaliação de sintomas entre outras” (Cristina Santos; Cibele Pimenta; Moacyr Nobre, 2007, p. 2).

sobre a necessidade de informação dos usuários com o benefício de qualificar o resultado e melhorar o tempo de resposta na recuperação de documentos que serão utilizados para tomada de decisão na área da saúde” (ELISABETH BIRUEL; ROSIMEIRE PINTO, 2011). Seguindo esta base metodológica, a questão problema foi formulada: “De que forma são reportados na literatura as crenças e os comportamentos de mulheres negras sobre a sexualidade?”.

Quadro 1 – Elaboração da pergunta norteadora através da aplicação da estratégia PVO.

PVO	Itens da Estratégia	Descrição
P	População, contexto, situação problema	Mulheres negras
V	Variáveis propostas ou não pelo pesquisador	Sexualidade / Afetividade
O	Desfecho do estudo ou aquilo que se espera responder no mesmo	De que forma são reportados na literatura as crenças e comportamentos de mulheres negras sobre a sexualidade?

Fonte: Elaborado pela autora com base em Elisabeth Biruel e Rosimeire Pinto (2011).

Após o desenvolvimento da questão norteadora, na segunda etapa da revisão foram utilizadas combinações entre os descritores: “*Mulheres Negras*”, “*Sexualidade*” e “*Comportamento*” (“*Black Women*”, “*Sexuality*”, “*Behavior*”) para a realização das buscas nas 5 bases de dados: Scientific Electronic Library Online – SciELO; Portal de Periódicos Eletrônicos de Psicologia – PePSIC; Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde – LILACS; Medical Literature Analysis and Retrieval System Online – MEDLINE; e, American Psychological Association Database – PsycINFO (Quadro 2); escolhidas devido a indignidade e confiabilidade nas extrações de dados científicos disponíveis. A busca resultou num total de 1.174 dados encontrados, sendo 28 da SciELO, 157 da LILACS e 989 da MEDLINE, sendo que na PePSIC e na PsycINFO não foram encontrados resultados. É imprescindível ressaltar que a elaboração dos descritores previamente selecionados levou em consideração a estratégia PVO e os DeCS (Descritores em Ciências de Saúde) e MeSH (Medical Subject Headings) relativos ao tema.

Quadro 2 – Aplicação da estratégia nas bases de dados e total de artigos localizados por base.

Bases	Estratégia de busca	Total
SciELO	“Mulheres negras” AND “Sexualidade” “Black women” AND “Sexuality”	28
LILACS	“Mulheres negras” AND “Sexualidade” “Black women” AND “Sexuality”	157
MEDLINE	“Mulheres negras” AND “Sexualidade” “Black women” AND “Sexuality”	989
PsycINFO	“Mulheres negras” AND “Sexualidade” “Black women” AND “Sexuality”	0
PePSIC	“Mulheres negras” AND “Sexualidade” AND “Comportamento” “Black women” AND “Sexuality” AND “Behavior”	0

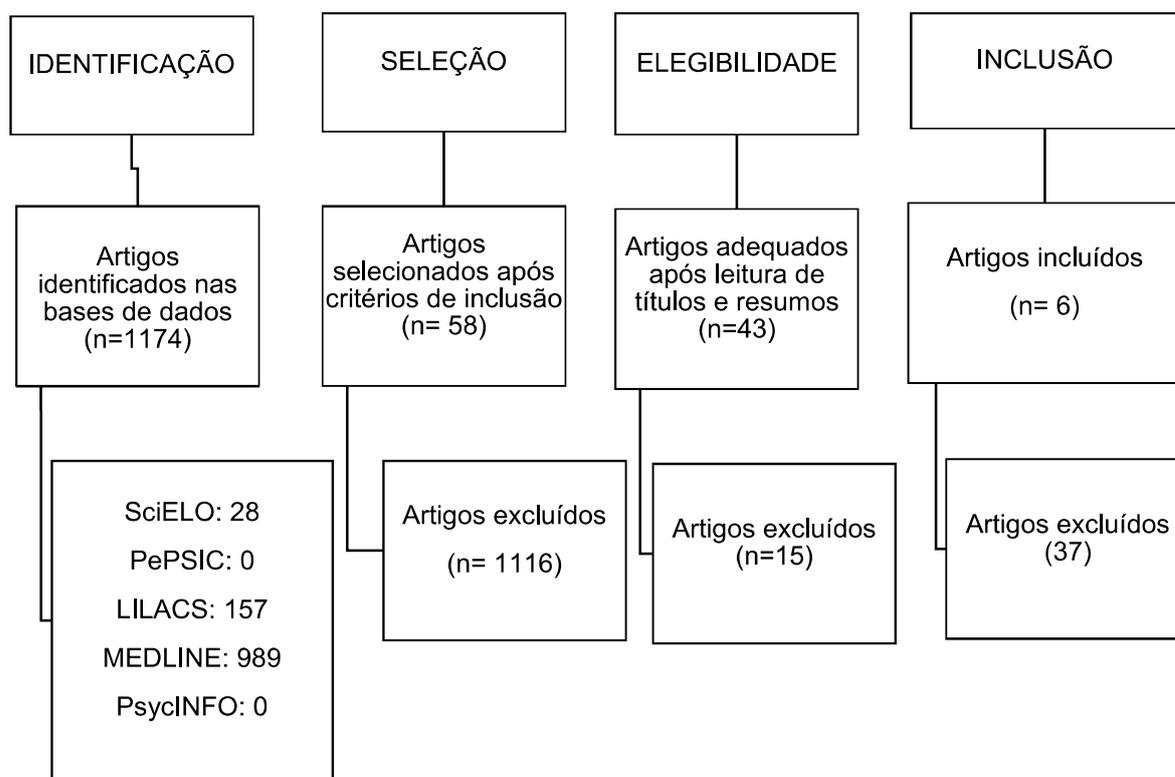
Fonte: Elaborado pela autora, 2022.

2.2.2. Critérios de elegibilidade adotados nos estudos

Os critérios de inclusão aplicados no presente estudo foram: artigos científicos publicados em periódicos latino-americanos entre janeiro de 2012 e maio de 2022, diretamente relacionados à temática, em inglês ou português, à nível nacional e internacional, disponíveis na íntegra para *download*. Já os critérios de exclusão adotados foram: não abordar o objeto de estudo analisado, teses, resenhas, dissertações e artigos incompletos ou não disponíveis na íntegra ou *download*.

Após a seleção com base nos critérios de inclusão e exclusão, houve uma análise inicial dos títulos, resumos e conclusões dos artigos selecionados, buscando identificar se estes estavam em conformidade com a temática analisada, e quando haviam dúvidas sobre seus conteúdos, eram lidos na íntegra para ter uma tomada de decisão mais assertiva, no sentido de incluí-los ou não na revisão integrativa. Para ilustrar melhor as etapas metodológicas utilizadas neste estudo de revisão, seguiu-se o fluxograma PRISMA (*Figura 1*), descrito por David Moher *et al.* (2009).

Figura 1 – Fluxograma de seleção dos estudos segundo o *Preferred Reporting Items for Systematic Reviews and Meta-Analysis (PRISMA)*



Fonte: David Moher *et al.*, 2009 (Adaptado).

2.2.3. Análise dos dados obtidos

Após a categorização dos artigos incluídos na pesquisa, estes foram analisados e suas informações foram tabuladas numa planilha do *Microsoft Excel*, no qual cada coluna contém: autor (es) e ano de publicação do artigo; total de participantes e local de estudo; tipo de estudo e nível de evidência, principais resultados da pesquisa e considerações finais de cada artigo. Nesse contexto, para categorizar o nível de evidências, admitiu-se o modelo descrito pela agência americana *Agency for Healthcare and Research and Quality (AHRQ)*. Que de acordo com Maria Cristina Galvão (2006), caracteriza os estudos da seguinte maneira:

No nível 1, as evidências são provenientes de revisão sistemática ou metanálise de todos relevantes ensaios clínicos randomizados controlados ou oriundas de diretrizes clínicas baseadas em revisões

sistemáticas de ensaios clínicos randomizados controlados; nível 2, evidências derivadas de pelo menos um ensaio clínico randomizado controlado bem delineado; nível 3, evidências obtidas de ensaios clínicos bem delineados sem randomização; nível 4, evidências provenientes de estudos de corte e de caso-controle bem delineados; nível 5, evidências originárias de revisão sistemática de estudos descritivos e qualitativos; nível 6, evidências derivadas de um único estudo descritivo ou qualitativo; nível 7, evidências oriundas de opinião de autoridades e/ou relatório de comitês de especialistas (MARIA CRISTINA GALVÃO, 2006, P. 01).

Nesta revisão o nível de evidência em questão variou de 3 a 6, consoante com o Quadro 3. Por fim, vale salientar, portanto, que a seguir se tece a discussão e apresenta-se os resultados.

2.3. Resultados e Discussão

No processo de busca da literatura sobre o tema proposto, utilizando os descritores já mencionados, foram encontrados um total de 1.174 artigos em 5 bases de dados: Scielo, PePSIC, LILACS, MEDLINE e PsycINFO. Posteriormente, foi feita uma análise de compatibilidade dos artigos encontrados, relacionada aos critérios de inclusão e exclusão, sendo que foram descartados 1.116 estudos, restando 58.

Posteriormente, houve uma análise dos títulos, resumos e conclusões, para checar a compatibilidade do conteúdo com o objetivo da investigação, e quando havia dúvidas nesse sentido, eram lidos na íntegra, incluindo ou descartando os estudos. Após esse processo, 06 artigos foram selecionados para esta revisão, os quais foram categorizados de acordo com o nível de evidências, apontados no Quadro 3.

Os estudos selecionados evidenciaram pesquisas sobre a sexualidade da mulher negra, a representação dessas mulheres e seus estereótipos, a moralidade em relação a contracepção de emergência e a decolonialidade do feminino, que serão explanados nos parágrafos a seguir. Esses estudos foram publicados entre os anos de 2012 e 2022.

O estudo de Fátima Cecchetto, Simone Monteiro e Eliane Vargas (2012) expõe os diversos significados relativos à cor e ao gênero nas interações afetivo-sexuais de homens e mulheres, tendo por base a observação etnográfica e entrevistas com jovens de etnias diversificadas, frequentadores dos “bailes Charme” no Rio de Janeiro, e entrevistas com jovens de etnias diversificadas. Por meio desta pesquisa, os autores

conseguiram constatar nesses espaços de interações afetivo-sexuais, uma categorização das diferenças de cor e gênero relacionadas à sexualidade, como por exemplo, a presença de estereótipos relativos à exaltação da sexualidade da mulher negra.

Os estereótipos atribuídos às mulheres negras se tornam mais evidentes em ambientes com uma intensa gama de relações inter-raciais; Fátima Cecchetto, Simone Monteiro e Eliane Vargas (2012) ao analisarem as entrevistas de jovens de diversas etnias num *baile funk* carioca, puderam identificar algumas associações e conceitos sobre sexualidade, raça e adequação a regras sociais na comunidade deles. Enquanto a sexualidade dos homens negros era exaltada, sendo o parceiro preferido de mulheres negras e brancas, as mulheres negras eram vistas apenas como um relacionamento momentâneo e voltado apenas para o sexo, não sendo as escolhidas para terem relacionamentos mais duradouros e estáveis, e serem apresentadas para as famílias dos parceiros (FÁTIMA CECCHETTO; SIMONE MONTEIRO; ELIANE VARGAS, 2012)

Nessa direção, Andreza Cerqueira (2021) através de seu estudo que remete a gêneros musicais os quais as mulheres negras são protagonistas - samba, pagode e paredão, cita que estas já interseccionadas por eixos de subordinação, frequentemente tem o papel de dançarinas, perpetuando a imagem social atrelada a sexualização de seus movimentos e seus corpos.

Para Michel de Oliveira e Annelena da Luz (2019), o gênero musical funk ilustra bem outro exemplo de como a cultura da população negra é negada socialmente. Inicialmente, quando as mulheres negras eram as únicas protagonistas, era considerado um estilo degradante e promíscuo, mas com o tempo foi ganhando força e aparecendo em espaços na mídia antes negados, coincidindo com a inserção das mulheres brancas nesse gênero musical.

Sobre o feminismo descolonial, o estudo de María Lugones (2014) aponta que a organização da sociedade em categorias homogêneas, gerada pela intersecção entre raça, classe, sexualidade e gênero tem origem na lógica colonial, na qual os povos indígenas, negros e escravizados eram vistos como animais, selvagens e sexualmente incontroláveis; já o homem branco, europeu, burguês, cristão e heterossexual era um sujeito dotado de razão, enquanto sua esposa era dotada de pureza sexual.

Ochy Curiel (2014) cita que a modernidade ocidental eurocêntrica, o capitalismo mundial e o colonialismo são uma trilogia inseparável, fundamentando um padrão mundial de poder, definido como a colonialidade do poder, que legitima relações sociais de exploração, conflito e dominação. Essas relações então, são sustentadas pelos determinantes de gênero e raça.

Nessa direção, Maria Lugones (2014) aponta que se gênero e raça forem considerados categorias distintas, a intersecção mostra a ausência das mulheres negras na esfera social, já que estas estão sujeitas a estas duas categorias, simultaneamente, pois de modo semelhante ao que ocorria no passado, a diferenciação racial nega gênero às colonizadas – mulheres negras. Dessa forma, portanto enxergar as mulheres negras na esfera social é ir além da lógica hierárquica colonial.

O modo como a mulher negra é representada atualmente ainda carrega uma relação direta com os padrões coloniais dos séculos passados. Marcia Cândido e João Feres Junior (2018) estudaram a relação das mulheres negras com o cinema brasileiro – analisando produções entre os anos 2002 e 2014 -, e puderam observar que embora o cinema nacional tenha passado por transformações consideráveis ao longo dos últimos anos, acompanhando o desenvolvimento social e tecnológico, o padrão estrutural de representação das mulheres negras ainda não evidenciou mudanças significativas, pois ainda predomina a sub-representação da mulher negra e a criação predominante de imaginários negativos, que as reduzem a ícones do espaço doméstico e a objetos de sexualização e de dissimulação.

Outro fato observado foi que os estereótipos atribuídos às negras e mulatas, mostraram-se recorrentes quando as poucas protagonistas pertenciam ao grupo - cerca de 7% do total das produções -, sendo fontes de preconceito racial, pois os estereótipos são práticas de representação que adquirem conotações dentro dos contextos culturais, políticas e sociais em que não produzidos e inseridos (MARCIA CÂNDIDO; JOÃO FERES JUNIOR, 2018).

Nessa direção, as autoras Tania Montoro e Ceiza Ferreira (2014) citam que as representações audiovisuais das mulheres negras são muito importantes para a sociedade - principalmente para a população negra, pois podem despertar novos olhares, fluxos e percepções a partir da afirmação de sua identidade feminina e negra. Além disso, também dá voz a estas, que através da insubordinação diante do racismo,

escravidão e opressão de gênero e classe, elaboram cotidianamente mecanismos de resistência e estratégias de preservação da sua cultura e dignidade, sendo protagonistas das suas próprias vidas.

Sobre as produções no cinema por diretoras negras, Edileuza Souza (2020) traz a ideia de que quando as mulheres negras assumem a produção, elas podem exercitar a possibilidade de novos olhares e concepções, que vão desde a estética até as representações e identidades, possibilitando uma construção afetiva, política, geográfica, recriando possibilidades.

Ainda sobre a representação das mulheres negras no cotidiano, Fernanda Carrera (2021) desenvolveu um estudo exploratório de alguns bancos de imagens de mulheres brancas e mulheres negras, a partir do conceito de imagens de controle, definido por Patricia Collins (2002) como uma sistemática dos modos de articulação dos discursos em relação ao corpo negro feminino, discursos fixos, que objetificam esses corpos, que são práticas coloniais, e fazer com que discursos de desigualdades sociais, de gênero, raça e classe pareçam naturais, genuínos e irreparáveis.

Com o estudo de Fernanda Carrera (2021) foi possível perceber que os estereótipos relacionados às mulheres negras conotavam hipersexualização e animalização, agressividade, narrativas de subordinação, onde seus corpos são atribuídos a trabalhos subalternos, além de narrativas de exploração, diferindo completamente dos atribuídos às mulheres brancas, como pureza, fragilidade e delicadeza. A autora identifica que as mulheres brancas quando são objetificadas são lhes atribuídas uma postura delicada e frágil, com um toque feminino ideal. Já as mulheres negras são postas a partir de uma disponibilidade que se iguala ao discurso colonial, onde existe ali um corpo que não é restrito ao outro, é assertivo e agressivo (FERNANDA CARRERA, 2021).

Um estudo semelhante, ao descrito acima, foi realizado por Ana Júlia Santos e Denise de Lima (2022) onde foram analisadas as imagens de vídeo da cantora Ludmila em dois videoclipes, onde no primeiro “Fala mal de mim” (MC BEYONCÉ, 2012), ela é vista como uma mulher negra sexualizada, aquela que rouba o marido da mulher branca. Junto aos estereótipos da favela, de mulher barraqueira e que incentiva outras mulheres a fazer o mesmo (ANA JÚLIA SANTOS; DENISE DE LIMA, 2022).

Já no clip “Rainha da Favela” (LUDMILA, 2020) oito anos depois, a cantora é vista como uma mulher negra empoderada, uma figura positiva. O que evidencia que as imagens de controle produzidas pela colonialidade possuem contornos dinâmicos, não são fixas, são possíveis de alterações conforme as mudanças que ocorrem na sociedade, além disso, mais importante do que a imagem em si é a compreensão do controle e poder que essas imagens produzem sobre o corpo da mulher negra (ANA JÚLIA SANTOS; DENISE DE LIMA, 2022).

O artigo de Elaine Brandão et al (2017) traz à tona mais questões em relação à sexualidade da mulher negra. Através de uma investigação socioantropológica, compreende a posição de farmacêuticos e balconistas de farmácia sobre a contracepção de emergência, buscando conhecer as circunstâncias sociais que condicionam o acesso das mulheres aos métodos contraceptivos de emergência na rede de farmácia privada, a partir da interação com os profissionais do espaço. O estudo parte da visão de dificuldades que cercam as mulheres em relação ao acesso a tais métodos na rede pública de saúde, devido aos preconceitos e juízos de valores dos profissionais de saúde frente a sexualidade feminina, desta forma, intencionava-se saber se os mesmos constrangimentos eram presentes no espaço privado e como se dava tais interações a partir das representações sociais dos profissionais (ELAINE BRANDÃO ET AL., 2017).

De acordo com o estudo de Elaine Brandão (2017) os profissionais esboçaram em seus discursos receios em relação a contracepção de emergência, devido ao fato do medicamento possuir altas cargas hormonais, temendo uma apropriação indevida do medicamento e que possa prejudicar a saúde feminina, junto a um descumprimento de uma conduta moral desejada, onde primeiro se teria um planejamento “familiar” de proteção para depois se entregar aos perigos eróticos das relações sexuais, isto é, o que se teme é o sexo ser praticado sem controle por parte das mulheres (ELAINE BRANDÃO ET AL., 2017). O comportamento feminino é considerado negligente, em relação a não contracepção antecipada, e duramente criticado pela sociedade em geral, descrito muitas vezes como “sem-vergonha”. Essa estratégia de julgamento moral social que produz vergonha social surte efeitos na hora da compra do medicamento, onde os profissionais relatam que as mulheres solicitam o medicamento “envergonhadas” (ELAINE BRANDÃO ET AL., 2017).

Essa prática direcionada ao feminino é amplamente evidenciada em relação a mulher negra, sendo ela evidenciada em pesquisas como aquela que faz o menor uso de métodos de contracepção, fator esse expresso devido a iniquidade ao acesso de métodos e serviços, muito mais do que uma escolha pessoal dessas mulheres (MARIA TERESA OLINTO; BEATRIZ OLINTO, 2000). Além disso, para se perceber a complexidade da experiência social feminina não basta somente se deter às questões de gênero, mas é necessário ir além, em relação a outros aspectos sociais, como as questões de identidade racial (MARIA TERESA OLINTO; BEATRIZ OLINTO, 2000).

Dado que falar sobre a sexualidade da mulher negra a partir da utilização de métodos contraceptivos emergenciais – pílula do dia seguinte, entendendo que, o que se teme de fato é o pleno exercício sexual entre essas mulheres, ao invés de uma aparente preocupação com a saúde feminina – discurso que mais uma vez fomenta mecanismos de regulação dos corpos e da sexualidade dessas mulheres (ELAINE BRANDÃO ET AL., 2017).

Contudo a desigualdade de gênero está diretamente relacionada ao sofrimento psíquico, como pode ser visto no estudo de Marina Franco et al (2021), onde busca-se investigar a partir da escuta de profissionais de psicologia, as necessidades em saúde mental das mulheres na atenção básica à saúde. Foi possível identificar relações entre o sofrimento psíquico e a desigualdade de gênero vivenciada pelas usuárias do serviço (MARINA FRANCO et al., 2021). Ao analisar as necessidades em saúde mental de algumas mulheres atendidas em unidades de saúde, reforçou que as desigualdades de gênero, classe e raça tem efeito nos processos de produção de saúde-adoecimento-cuidado delas. As falas destas, refletiram problemas como: violência, perdas familiares, maternidade compulsória, gravidez indesejada, sexualidade, uso de drogas, falta de empoderamento, ansiedade, depressão, dentre outros (MARINA FRANCO et al., 2021).

Quadro 3 – Aplicação da estratégia nas bases de dados e total de artigos localizados por base

Autor / ano de publicação	Nível de evidências / Tipo de estudo	Total de participantes / Local	Principais resultados	Desfecho dos resultados
MARINA FRANCO et. al (2021)	Nível 3, evidências obtidas de ensaios clínicos bem delineados sem randomização	Nove / Rio Grande do Sul	Investigar o que os psicólogos da atenção básica identificam como necessidades em saúde mental das mulheres atendidas, verificando se sua escuta profissional permite estabelecer relações entre o sofrimento psíquico e a desigualdade de gênero vivenciada pelas usuárias; proporcionar um espaço de discussão e reflexão.	Reforçou que o sofrimento psíquico das mulheres, relacionados com a desigualdade de gênero e raça, dentre outras causas, tem nexos causal com as desigualdades sociais em saúde.
ELAINE BRANDÃO et. al (2017)	Nível 3, evidências obtidas de ensaios clínicos bem delineados sem randomização	Cento e quatorze / Rio de Janeiro	Conhecer as circunstâncias sociais que condicionam o acesso das mulheres à contracepção de emergência nas farmácias	O debate sobre a contracepção de emergência engloba questões relativas ao domínio da moral e da sexualidade feminina, que historicamente sempre esteve submetida a diversos dispositivos de controle, ora mais ou menos explícitos
FERNANDA CARRERA (2021)	Nível 3, evidências obtidas de ensaios	Nenhum / Não se aplica	O trabalho trouxe na apresentação de resultados descrições de imagens com os conceitos imagéticos baseados em 'manobras	Os modos de opressão de gênero, classe e raça em bancos digitais ultrapassam a problemática da representação,

	clínicos bem delineados sem randomização		de controle”, nas quais as mulheres negras utilizaram-se de sua corporalidade com desprovimento de direitos	influenciando na produção de subjetividades e na construção discursiva que legitima e autoriza as desigualdades, sobretudo em relação às mulheres negras
MARCIA CÂNDIDO E JOÃO FERES JUNIOR (2019)	Nível 3, evidências obtidas de ensaios clínicos bem delineados sem randomização	Duzentas e cinquenta e sete / Não se aplica	Apresentar um panorama da representação das mulheres negras no cinema brasileiro	O padrão estrutural de representação das mulheres negras ainda não evidenciou mudanças significativas. Os estereótipos, fontes de preconceitos e discriminações, mostraram-se recorrentes quando as protagonistas (poucas) pertenciam a esse grupo social
FÁTIMA CECCHETTO, SIMONE MONTEIRO E ELIANE VARGAS (2012)	Nível 3, evidências obtidas de ensaios clínicos bem delineados sem randomização	Vinte e cinco / Rio de Janeiro	Compreender os diversos significados relativos à cor e ao gênero nas interações afetivo-sexuais de homens e mulheres, tendo por base a observação etnográfica dos bailes e entrevistas com jovens de etnias diversificadas	Foram identificadas nas falas e traços da microcultura do local de estudo que preconizam preconceito, denotam associações e conceitos prévios sobre raça, sexualidade e adequação a regras de ambiente exigidas na comunidade
MARIA LUGONES (2014)	Nível 5, evidências originárias de revisão sistemática de estudos	Nenhum/ Não se aplica	A lógica categorial dicotômica e hierárquica é central para o pensamento capitalista e colonial moderno sobre raça, gênero e sexualidade	As mulheres negras estão sujeitas a colonialidade de raça e de gênero

	descritivos e qualitativos				
--	----------------------------	--	--	--	--

Fonte: Elaborado pela autora, 2022.

2.4. Conclusão

Através dessa revisão integrativa de literatura foi possível observar que as crenças e comportamentos de mulheres negras sobre a sexualidade são reportados de diversas formas, tendo como ponto em comum a presença de três eixos: a interseccionalidade, o padrão cultural de beleza e a hipersexualização.

Como foi visto, as opressões de raça, gênero e classe possuem influência no processo de saúde, adoecimento e cuidado das mulheres negras, além disso, os estereótipos atribuídos a elas, relacionados a agressividade, trabalho e sexualidade exacerbada estão presentes até mesmo nas produções cinematográficas e nos bancos de dados imagens online.

Esses tabus e proibições relacionados a sexualidade da mulher negra também puderam ser vistos na discussão sobre a utilização de métodos contraceptivos de emergência por parte delas, na qual o discurso que aparentemente seria voltado para a questão de alertar sobre os riscos à saúde a partir da utilização desses métodos esconde uma intenção principal de regular a sexualidade das mulheres negras. Além disso, foi possível concluir que as desigualdades de gênero, classe e raça tem efeito nos processos de produção de saúde-adoecimento-cuidado das mulheres negras.

Apesar, desses pontos destacados, percebe-se que a quantidade de estudos incluídos nesta revisão sistemática – apenas 06 -, foi relativamente baixa, sendo necessário em estudos futuros utilizar outras estratégias metodológicas, como por exemplo: utilizar uma combinação diferente de descritores ou critérios de inclusão/exclusão, ou até mesmo uma entrevista ou questionário que investigue como a questão da interseccionalidade, o padrão cultural de beleza e a hipersexualização afetam a sexualidade e as relações afetivo-sexuais das mulheres negras, complementando o presente estudo. Além disso, dos estudos encontrados, percebe-se que o local de estudo ficou restrito ao eixo sul-sudeste brasileiro, denotando uma importância em analisar também a área norte e nordeste do país, afim de diversificar os resultados, já que a Psicologia precisa ser objeto para todos, e não ficar somente restrita a alguns.

Nesse sentido, destaca-se que a Psicologia Social desde o seu surgimento, ao passo que estuda o comportamento de diversos grupos sociais e indivíduos vem

contribuindo para o entendimento do contexto social em que cada um está inserido, livre das amarras da opressão e da desigualdade social.

Assim, estudos como esse são necessários para produzir um olhar mais sensível para a questão da mulher negra, que desde os primórdios da colonização vem sofrendo com a tripla opressão já citada acima. Pesquisas nesse sentido são escassas devido a estrutura racista das instituições sociais, que ainda impõem barreiras para a discussão de temáticas voltadas para questões raciais, especialmente relacionadas às mulheres negras, que repercutem profundamente nas suas relações afetivo-sexuais, como foi possível observar no presente estudo.

3. CAPÍTULO 2 – CRENÇAS E COMPORTAMENTOS DE MULHERES NEGRAS SOBRE INTERSECCIONALIDADE, PADRÃO CULTURAL DE BELEZA E HIPERSEXUALIZAÇÃO: UM ESTUDO A PARTIR DA TEORIA DA AÇÃO PLANEJADA

3.1. Introdução

No Brasil, ser uma mulher negra engloba o enfrentamento constante de diversas questões sociais ligadas ao sistema discriminatório da sociedade brasileira, que por meio de diversos dispositivos cada vez mais subjuga, inferioriza e oprime as mulheres. Apesar de diversos avanços sociais ao longo das décadas, observa-se que o grupo social das mulheres negras não é prioridade nas políticas públicas existentes. Como por exemplo: a cada três vítimas de feminicídio, duas são mulheres negras (BRASIL, 2021); e a cada mulher negra em um cargo de ensino superior há três homens brancos (BRASIL, 2021). Esses são alguns exemplos que ilustram o quanto as mulheres negras ficam à margem da sociedade brasileira.

Nessa conjectura de múltiplas opressões que a mulher negra enfrenta desde o advento do período escravista em todo o mundo a autora Kimberlé Crenshaw introduz o conceito de interseccionalidade, que demarca o modo como o racismo, o sexismo, o patriarcado e outros tipos de opressões agem sobre as mulheres negras:

“A interseccionalidade é uma conceituação do problema que busca capturar as consequências estruturais e dinâmicas da interação entre dois ou mais eixos da subordinação. Ela trata especificamente da forma pela qual o racismo, o patriarcalismo, a opressão de classe e outros sistemas discriminatórios criam desigualdades básicas que estruturam as posições relativas de mulheres, raças, etnias, classes e outras. Além disso, a interseccionalidade trata da forma como ações e políticas específicas geram opressões que fluem ao longo de tais eixos, constituindo aspectos dinâmicos ou ativos do desempoderamento” (KIMBERLÉ CRENSHAW, 2002, p.177).

Essa metodologia é utilizada para se questionar os movimentos sociais, já que essa ideia de interseccionalidade surgiu a partir do feminismo negro. Como aponta Dayane Assis (2019), durante um longo tempo havia a ideia de que todas as mulheres tinham os mesmos anseios, independente das suas próprias experiências perante a sociedade, o que não é aplicável. Como por exemplo: a luta pela inserção das mulheres no mercado de trabalho não fazia muito sentido para as mulheres negras,

pois elas já eram forçadas a trabalhar desde cedo, devido ao período da escravidão e a conjectura social criada.

Nesse contexto, os movimentos feministas negros questionam justamente a categoria mulher como singular, entendendo que cada uma possui características próprias, demarcadas principalmente por categorias que se sobrepõem, destacando-se a raça, entendendo que é completamente diferente ser vista como mulher branca ou negra, classe social – mais elevada ou mais baixa, orientação sexual – heterossexual ou homossexual, dentre outras várias questões. Portanto, na ótica das mulheres negras, não é possível ser feminista sem ser antirracista (DAYANE ASSIS, 2019).

Avtar Brah (2006) aborda que as estruturas de classe, sexualidade, gênero e racismo não podem ser tratadas como independentes devido ao fato de que a opressão causada por cada uma está inscrita na outra, e essa compreensão fomenta a ideia de que para enfrentar essas estruturas é necessário entender o modo como se articulam e conectam, corroborando com a ideia da importância da ideia da interseccionalidade para o grupo social das mulheres negras.

Devido ao fato de o machismo ainda ser muito presente na sociedade, as mulheres são alvos da sexualização em diferentes espaços. As mulheres negras têm esse processo ainda mais forte devido à associação do racismo. Esse fenômeno de hipersexualização das mulheres negras teve origem no período da escravidão, no qual estas tinham como uma das funções satisfazer o prazer sexual dos homens brancos, pois aos olhos deles elas eram seres erotizados, voltadas apenas para o sexo e desprovidas de inteligência, contrastando com a imagem das mulheres brancas, que eram ligadas ao matrimônio, puras e recatadas (MARINA LACERDA, 2010).

Ana Viana, Cristiane Santos e Rafaella Ezechiello (2019) abordam que essa apropriação dos corpos das mulheres negras oriunda do período da escravidão, veio sendo sustentada e naturalizada por meio de discursos racistas que os violavam, dominavam e exploravam, resultando no modo como as mulheres negras são representadas hoje: hipersexualizadas e objetificadas, que refletem em problemas psicossociais e afetivos. Nesse sentido, os estereótipos construídos acerca da mulher negra continuam presentes no contexto social e estão atrelados a um lugar de subalternidade, espaço esse que ainda hoje delimita relações afetivas, sociais e profissionais.

Sobre as relações afetivas especificamente, Ana Pacheco (2008) cita que as escolhas dos parceiros afetivos dependem de parâmetros como raça, sexo, idade e classe para se consolidar. O preterimento por raças específicas é socialmente construído, sendo baseado nos padrões de beleza disseminados pela cultura, refletindo estereótipos, características e imagens atribuídos aos sujeitos de grupos minoritários que são inculcadas na sociedade sem que se tenha, muitas vezes, o controle consciente. Apesar da prática sexual entre raças distintas e a miscigenação serem vistas como atributos inerentes à sociedade brasileira, enxerga-se que no “mercado afetivo” existe uma seletividade conjugal, que oprime as mulheres negras, pois elas são preteridas para ter relacionamentos estáveis, até pelos próprios homens negros (ANA PACHECO, 2008).

Marcos Lima (2016) sobre o preterimento e exclusão das mulheres negras no campo afetivo cita que isso não ocorre apenas por meio de simples expressões cotidianas, mas principalmente na construção de ideias que norteiam quem deve ser visto como pessoa e receber afeto ou não – o caso das mulheres negras, que segundo esses pensamentos não devem ser amadas. Assim, essa despersonalização está diretamente relacionada com a desumanização, a infra humanização e o racismo.

De acordo com Ana Rodrigues (2020), desde a infância, as mulheres negras sofrem rejeição em diversas esferas sociais, tendo que ser resistentes em ambientes onde imperam o machismo e o racismo estrutural. O preterimento a inferiorização das mulheres negras inicia quando é posto para elas que têm o “cabelo ruim” e “não são bonitas”, e que por isso nunca serão desejadas e amadas quanto as mulheres brancas.

Quando as mulheres negras são exaltadas, isso refere-se apenas ao “desenho” dos seus corpos, remetendo ao estereótipo de deleite sexual dos homens, tratadas apenas como objetos. Somado a isso, ainda há o ideal da mulher negra forte e que se basta, que não necessitada de carinho, empatia, afeto e cuidado, afirmando que elas “não são para beijar, namorar ou casar”, tornando a vida dessas mulheres um fardo e condenando-as à solidão (ANA RODRIGUES, 2020).

Nessa direção, quando a cor da pele determina quem pode ser visto como pessoa ou não, amado ou não, ou visto como humano ou não, estamos falando sobre o racismo no âmbito sexual, que pode ser entendido como a preferência individual por sujeitos de raças específicas, ou seja, uma tendência a selecionar parceiros sexuais

com base na cor da pele, resultando no preterimento das mulheres negras (DENTON CALLANDER, CHRISTY NEWMAN, MARTIN HOLT, 2015).

Desta forma, percebe-se que as relações afetivas sexuais de mulheres negras são perpassadas por diversas crenças oriundas do racismo estrutural. Essas crenças em relação a hipersexualização dos seus corpos, de sua beleza como aquela não é escolhida e as questões do gênero sofrem modificações, não para o social em geral, mas essas mulheres e seus movimentos sociais são capazes de se questionar sobre o lugar da mulher nas relações sexuais e afetivas a partir de uma estrutura antiracista. No entanto, buscar compreender como essas crenças se evidenciam na atualidade é importante para analisar como elas impactam nas relações afetivo-sexuais das mulheres negras, com o objetivo de dar voz e visibilidade a este grupo social que muitas vezes é preterido nas produções acadêmicas a seu respeito, além de buscar redimensionar as histórias de vida destas mulheres.

Para buscar entender como se dão essas crenças a Teoria da Ação Planejada-TAP se mostra adequada. A TAP é uma teoria oriunda da TAR- Teoria da Ação Racional, desenvolvida por Martin Fishbein (1963, 1967) na década de 60. A TAR pressupõe que os indivíduos são seres racionais e utilizam as informações disponíveis, analisando as implicações dos seus comportamentos, para assim decidirem sobre a sua realização (ICEK AJZEN; MARTIN FISHBEIN, 1970, 1977, 1980; SALLY BROWN, 1999). Embora a TAR tenha um grande sucesso em seu uso, percebeu-se que as intenções e o comportamento parecem ser influenciados por hábitos, que já ocorreram no passado. O que levou a expansão da teoria através da TAP (KARINA MOUTINHO; ANTÔNIO ROAZZI, 2010).

A TAP concebida por Icek Ajzen (1988; 1991) pressupõe que existe fatores motivacionais que podem influenciar o comportamento, acompanhados do esforço que os indivíduos estão dispostos a investir para executar determinada ação, e até onde iriam para consumir o ato (SHEYLA FERNANDES et al, 2019). Segundo Icek Ajzen e Martin Fishbein (2000), o comportamento humano pode ser influenciado por três tipos de crenças, as comportamentais, normativas e as de controle.

As crenças comportamentais são capazes de produzir atitudes favoráveis ou desfavoráveis em relação a determinado comportamento, já as crenças normativas são fruto da pressão social percebida pelo indivíduo para a realização de determinado

comportamento e as crenças de controle são resultado do controle percebido pelos indivíduos sobre o comportamento (KARINA MOUTINHO; ANTÔNIO ROAZZI, 2010).

A TAP inicialmente foi concebida para explicar comportamentos sociais, posteriormente, vem sendo muito utilizada em diferentes campos e a partir de diversos contextos (ÍTALA CHINAZZO; SHEILA CÂMARA; DEISE FRANTZ, 2014). No campo das relações afetivas, como pode ser visto no estudo de (INGRIDD GOMES; SHEYLA FERNANDES, 2018) sobre a permanência de mulheres em relacionamentos abusivos, em relação aos estudos sobre racismo o estudo de (RENATA VERAS et al, 2022) busca compreender as questões étnico-raciais no campo acadêmico e o estudo sobre o preconceito racial a partir da visão de crianças, realizado por Sheyla Fernandes, Saulo Almeida e Conceição Nascimento (2008). Além disso, a TAP vem sendo eficaz para prever comportamentos em outras áreas do conhecimento, diante de sua eficácia este estudo se propõe a partir da TAP analisar as crenças comportamentais, normativas e de controle de mulheres negras sobre os três eixos citados: interseccionalidade, hipersexualização e padrão cultural de beleza.

3.2. Metodologia

3.2.1. Tipo de estudo

A pesquisa retratada trata-se de um estudo de cunho qualitativo, onde busca-se compreender através de técnicas interpretativas de diferentes modos componentes de sistemas complexos de significados (MARLI ANDRÉ, 2013).

3.2.2. Participantes

Fizeram parte dessa pesquisa 10 mulheres negras, com idade entre 21 e 40 anos. A escolha das participantes se deu a partir da técnica com caráter de amostra não probabilística, isto é, onde a seleção dos indivíduos para a composição da amostra depende, em grande parte, do entendimento do pesquisador/a (MARLI ANDRÉ, 2013). Todas as participantes assinaram o Termo de Consentimento Esclarecido – TCLE (em anexo) e atenderam aos critérios de inclusão da pesquisa,

que são: ser uma mulher negra; ter mais de 18 anos; heterossexual; nível superior. O quadro 4 apresenta a caracterização da amostra.

Quadro 4 – Caracterização da Amostra

Caracterização da Amostra		
Variável		N°
Faixa etária (anos)	19-29	4
	30-41	6
Estado (Residência)	Sergipe	8
	Rio de Janeiro	1
	Bahia	1
Estado civil	Solteira	6
	Casada	1
	União Estável	1
	Divorciada	1
	Separada	1
Escolaridade	Ensino Superior Incompleto	4
	Pós-graduação	6

Fonte: Elaborado pela autora (2023).

3.2.3. Instrumentos

Para a realização do estudo foi considerada a técnica de entrevista semiestruturada e coletado os dados sociodemográficos das participantes, para a

caracterização da amostra. A entrevista foi baseada na Teoria da Ação Planejada (TAP).

A Teoria da Ação Planejada (TAP) vem sendo utilizada como um arcabouço teórico na psicologia e em outras áreas correlatas, ao tratar de estudar as variáveis que podem prever o comportamento dos indivíduos. Antes de falar da TAP propriamente, faz-se necessário citar primeiro a Teoria da Ação Racional (TAR), que deu origem a esta metodologia. A TAR surgiu no meio da psicologia social por volta da década de 1960, oriunda de uma série de estudos realizados sobre o construto das atitudes, através de Martin Fishbein (ANTÔNIO ROAZZI et al, 2014).

A TAR buscava compreender a racionalidade dos seres humanos, tendo o interesse por prever e entender o comportamento, e sendo esse consciente por parte do indivíduo, precisar a intenção para realizá-lo (MARTIN FISHBEIN; ICEK AJZEN, 1975). Para a compreensão do comportamento é necessário identificar os determinantes das intenções comportamentais: atitudes – que se referem ao aspecto pessoal e diz respeito a uma análise das possíveis consequências do comportamento; e normas subjetivas – relacionadas à influência social, estando ligadas a percepção de aprovação ou reprovação social (KARINA MOUTINHO, ANTÔNIO ROAZZI, 2014; MARIA D'AMORIM, 2000).

Karina Moutinho e Antônio Roazzi, (2014) apontam que apesar de a Teoria da Ação Racional ter obtido sucesso na sua aplicação, ela é questionada sobre a influência das intenções e comportamentos, não analisando critérios como a falta de controle e os hábitos. Este último são alguns comportamentos que são repetidos rotineiramente sem se dar conta da sua função. Nesse contexto, a partir do problema do controle do comportamento surgiu a Teoria da Ação Planejada (TAP), na colaboração de Martin Fishbein com Icek Ajzen e outros autores.

A Teoria da Ação Planejada, como apontam Charles Abraham e Paschall Sheeran (2003), adiciona as atitudes e normas subjetivas à questão da percepção de controle comportamental, sendo as crenças de controle relacionadas a essa percepção. De maneira geral, quanto mais fortes as crenças comportamentais, normativas e de controle, maior a probabilidade de um indivíduo se comportar de maneira específica, mas isso varia para comportamentos e indivíduos específicos.

Na Teoria da Ação Planejada, a organização das ações humanas se dá a partir de crenças comportamentais, normativas e de controle (ICEK AJZEN, MARTIN FISHBEIN, 2000).

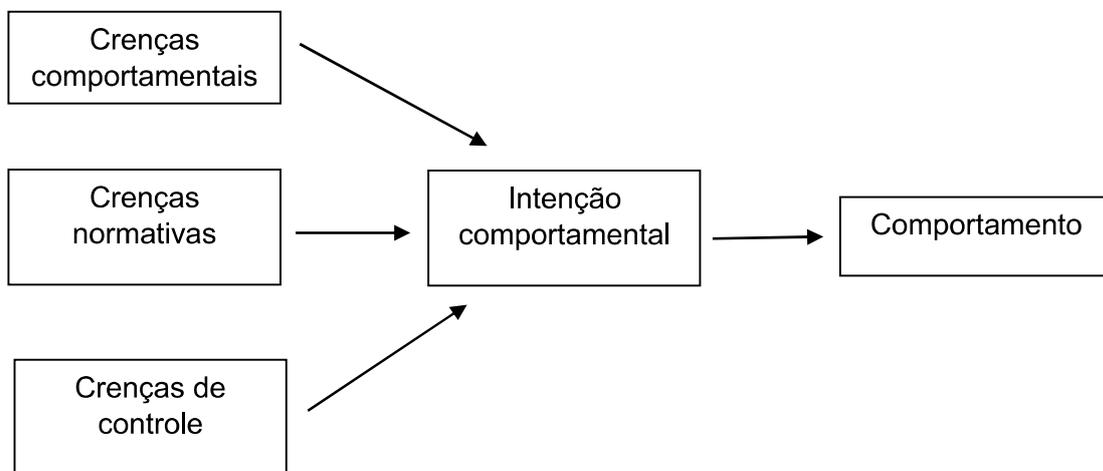
As crenças comportamentais se relacionam aos comportamentos específicos de cada indivíduo, estas sendo adquiridas durante a vida, sobre diferentes situações, objetos e ações. Algumas crenças permanecem, outras são abandonadas, podem ser enfraquecidas ou fortalecidas e outras podem surgir. Quando avaliamos as consequências a partir de nossos comportamentos como sendo negativas ou positivas, neste momento estamos apresentando uma atitude (A) a partir de nossas crenças, sendo uma predisposição para responder favorável ou desfavoravelmente a algo, sendo um preditor da intenção comportamental (ICEK AJZEN, 1991).

Icek Ajzen (1991) pontua que as crenças normativas são relacionadas com a percepção que o indivíduo possui sobre a influência do meio social, de aprovação ou reprovação do seu comportamento. Essa influência é exercida por outros indivíduos do meio familiar, acadêmico, laboral, religioso, dentre outros, e consiste no que a Teoria da Ação Planejada como norma subjetiva (NS). Para se mensurar a NS multiplica-se a crença normativa pelo impulso do indivíduo para considerá-la.

Já as crenças de controle consistem nas facilidades e/ou dificuldades percebidas pelo indivíduo em realizar determinado comportamento, originando o controle comportamental percebido (CCP), que é influenciado pelas informações das experiências de pessoas ligadas ao indivíduo e pelos fatores que facilitam ou dificultam a manifestação do comportamento (ICEK AJZEN, 1991).

Dessa forma como pode-se ver na Figura 2, quando são combinadas a atitude (A), a norma subjetiva (NS) e o controle comportamental percebido (CCP) surge a intenção comportamental (IC) (ICEK AJZEN, MARTIN FISHBEIN, 2000). James Engel, Roger Blackwell e Paul Miniard (2005) citam que deve-se mensurar a intenção comportamental para prever o comportamento, pois ela fornece com precisão o comportamento a ser apresentado.

Figura 2 – Modelo da Teoria da Ação Racional (TAR) e Teoria da Ação Planejada (TAP)



Fonte: A autora, adaptado de Icek Ajzen, Martin Fishbein, 2000.

Assim, esta pesquisa visa analisar as crenças e comportamentos de mulheres negras sobre a hipersexualização, padrão cultural de beleza e interseccionalidade, a partir da Teoria da Ação Planejada.

3.2.4. Coleta de dados

As participantes foram convidadas para participar da pesquisa a partir do e-mail, com base nos critérios de inclusão, onde foi enviado junto ao convite o TCLE - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, atestando aceitação e participação na pesquisa. A coleta dos dados ocorreu de forma voluntária, individual e mantendo a identidade das participantes em sigilo. As entrevistas ocorreram durante o mês de Março de 2023, sendo realizadas através da plataforma google meet, com duração de 30 minutos, todas as entrevistas foram gravadas a partir da autorização das participantes.

3.2.5. Análise e processamento dos dados

Os dados sociodemográficos foram transformados em tabelas a partir das ferramentas google forms e planilhas do Microsoft Excel, utilizados para a descrição

da amostra. As respostas das participantes foram transcritas e transformadas em um corpus textual com o auxílio do bloco de notas, para serem analisadas posteriormente pelo software Iramuteq (Interface de R pour les Analyses Multidimensionnelles de Textes et de Questionnaires). Um software de livre acesso que permite a análises de conteúdos a partir de sua origem lexical (CAMARGO; JUSTO, 2013).

Para uma análise mais profunda do material foi utilizada a análise de Classificação Hierárquica Descendente - CHD (método de Reinert), a CHD possibilita o agrupamento de palavras com origem radical semelhante em classes, essas classes possuem semelhanças entre si e diferenças em suas composições semânticas (CAMARGO; JUSTO, 2013). A partir do resultado apresentado pela análise do software foi possível identificar as crenças e percepções existentes no corpus textual.

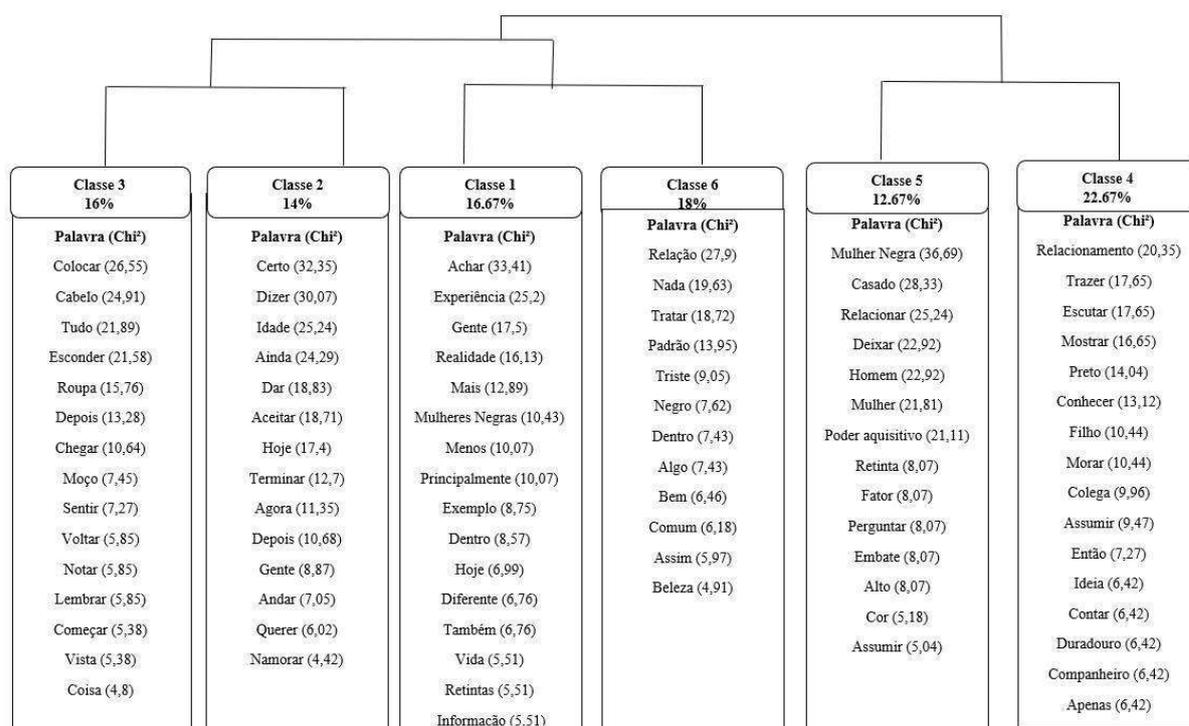
3.3. Resultados e Discussão

Análise de Classificação Hierárquica Descendente (CHD)

A partir da CHD, o corpus teve 180 segmentos de texto - ST dos quais 150 foram retidos com um aproveitamento total de 80,21%, um valor bastante relevante, visto que o mínimo considerado é de 74% de aproveitamento para a CHD (Camargo & Justo, 2013). O número total de palavras do corpus foi composto por 6 562 palavras, com um total de 897 palavras ativas das quais aparecem somente uma vez 462 palavras. O corpus foi dividido em 6 classes, classe 1 teve 27 ST e aproveitamento total de 16,67%, a classe 2 teve 21 ST com 14% de aproveitamento, classe 3 teve 24 ST e 16%, classe 4 com 19 ST e 12,6%, classe 5 com 34 ST e 22,6% e a classe 6 teve 27 ST com aproveitamento de 18%.

No agrupamento das classes, elas ficaram emparelhadas, onde a classe 2 fez par com a classe 3, a classe 4 com a 5 e a classe 6 com a classe 1, como pode ser visto na Figura 3. Para a escolha das palavras relevantes em relação às classes utilizamos o preconizado por Camargo e Justo (2016) e aplicados por Goetz et al. (2008) as palavras que apresentaram qui-quadrado $\geq 3,84$ e com menor número de erro em relação ao nível de significância de $<0,0001$, como pode ser visto na Figura 3.

Figura 3 – Dendrograma da CHD do Corpus “crenças sobre as relações afetivas de mulheres negras”



Fonte: Elaborado pela autora (2023).

Classe 3: Padrão Cultural de Beleza

As classes serão descritas de acordo com a ordem de agrupamento a partir da análise do Iramuteq. A classe 3 expressou um aproveitamento total de 16% dos ST. Foi nomeada “Padrão Cultura de Beleza” em evidência as palavras “colocar”, “cabelo”, “esconder”, “sentir” e “notar”. Seu conteúdo apresenta as crenças das mulheres sobre a atitude em modificar seus corpos e se adequar aos modelos normativos aceitos socialmente. As crenças apresentadas surgem a partir da percepção das mulheres em relação às vantagens e desvantagens em adotar alguns comportamentos em relação a sua aparência. Neste sentido os trechos a seguir são representativos das crenças em relação às mudanças de seus corpos:

Eu lembro muito das pessoas falarem: seu cabelo é igual preso, ou ele está solto ou ele está armado. Eram coisas que eram ditas neste sentido e eu tinha o sonho de colocar um mega, de colocar um cabelo, para que eu pudesse ter esse cabelo longo. E quando eu coloco esse cabelo, eu começo a investir de uma forma, para ter tipo uma visibilidade (Maria).

(...) Além disso, tinha a questão do cabelo, eu usava um cabelo alisado que não crescia nunca, era sempre no pescoço no máximo (Luana). Existem os espaços que eu consigo acessar (...) Mas depois as pessoas vão ver minha boca, vão ver meu nariz e a cor da pele. É algo que não dá para esconder (Fátima).

Eu sempre me maquiei muito, eu sempre saio bem arrumadinha, eu saio perfumada e com o cabelo arrumado, como assim eles não me notam? Como eu disse, eu faço de tudo (Vera).

Fica evidente nas falas como as mulheres tiveram atitudes que buscam se adequar a um padrão social desejado. Considerando que se trata de um fato indiscutível, que as construções históricas sobre quem é superior e quem é inferior em uma sociedade, geram crenças e representações sobre características de cada grupo (ELIANE FERNANDES, 2018). No Brasil as representações são pautadas em padrões eurocêntricos, no qual homens brancos, hererossexuais, cisgênero, cristãos urbanos e escolarizados são considerados superiores e aqueles que são desviantes desse padrão estariam fadados, de forma perversa, a ser menos, os desviantes, indignos e excluídos (ELIANE FERNANDES, 2018).

O país onde a escravidão foi algo marcante e que não chega ao fim por uma mudança de perspectiva, mas por uma pressão em relação às questões econômicas (ALESSANDRO SANTOS, 2017). Com o fim da escravidão, ficaram as crenças das representações sociais negativas para a população negra. Para as mulheres negras, as marcas foram ainda mais severas, considerando que para estas foi tomado, para além de uma questão estética, o direito à liberdade e aos vínculos afetivos (ELIANE FERNANDES, 2018). Sendo, mulheres associadas aos desejos sexuais de homens brancos, vistos como superiores. E suas características físicas, como os cabelos, associados a algo ruim e que precisam ser modificados. E é a partir desse contexto que muitas passam a alisar seus cabelos para se assemelhar ao padrão europeu, cortá-lo muito curto ou mantê-lo sempre preso (ELIANE FERNANDES, 2018).

Desta forma, o racismo e o preconceito racial afeta de forma brusca a autoestima dessas mulheres, como pode ser visto nos trechos citados acima. Tornando-as alvo de comentários pejorativos, piadas racistas e até propagandas ofensivas (RAFAELE QUEIROZ, 2019). São atribuídos a esses cabelos crenças de sujo, bagunçado, desproporcional, ruim, grotesco e principalmente, feio. A demanda

social para a mudança desses cabelos por parte da mulher negra pode afetar tanto sua saúde emocional quanto sua saúde física (RAFAELE QUEIROZ, 2019).

Especialistas trouxeram e trazem à tona o perigo dessas modificações estéticas da mulher negra o que as leva a uma possibilidade de discussão sobre o tema a partir das mídias sociais e a representatividade de outras mulheres nesses espaços, assumindo suas características de mulher negra, levam a rupturas do padrão social europeu esperado para todas as mulheres (RAFAELE QUEIROZ, 2019). Essas rupturas em relação às crenças apresentadas, podem ser vistas a partir do explicitado na classe 2.

Classe 2: Ruptura normativa dos corpos

A classe 2 nomeada “Ruptura normativa dos corpos” teve um aproveitamento total de 14% dos ST, um dos menores aproveitamentos. Apresentou as palavras “certo”, “dizer”, “ainda”, “aceitar” e “idade”. As palavras destacadas evidenciam os conteúdos acerca de uma ruptura em relação às crenças em se moldar ao padrão tradicional de mulheres brancas. Onde essas mulheres elegem como fatores que auxiliam nessa mudança a maturidade, a troca de conhecimento com outras mulheres negras, as representatividades, e a modificação do mercado de produtos e serviços, que atualmente produzem insumos de acordo com seus corpos. Os trechos seguintes evidenciam o explicitado:

Eu me acho linda, maravilhosa. Quem quiser que diga que eu sou feia. Gosto de andar maquiada, arrumada, mas até um certo uma certa idade até uns 20 anos ainda fica aquela sensação. Ah, ninguém me quer (Luana).

Quando eu não tinha tanta maturidade poderia pensar particular mas depois que um de um tempo como eu convivo com muitas outras mulheres negras aí você começa a perceber que não é só com você. E até a fala das outras se repete (Vera).

Hoje eu estou com meu cabelo natural e crespo, mas quando eu boto um cabelo

cacheado, eu recebo muito mais elogios de fique com esse cabelo, porque mesmo sendo um cabelo cacheado, ainda é socialmente aceito mais que um cabelo crespo, que é o caso do meu cabelo (Lourdes).

Hoje a gente já tem uma oferta um pouco maior de produtos de beleza, vamos dizer assim, cosméticos que sejam mais os nossos tons de pele, para os nossos cabelos e tal, mas também 20 anos atrás isso era uma coisa inexistente (Ana).

Desta forma, fica evidente a partir das classes 3 e 2 as atitudes das mulheres negras frente às suas crenças em relação ao padrão cultural normativo de beleza. Em um primeiro momento as crenças sobre o alisamento dos cabelos e a mudança dos seus corpos e dos são fortes a ponto de existir uma modificação. Posteriormente, como pode ser visto na classe 2, essas mulheres trazem falas que rompem com o padrão esperado. O que corrobora com a literatura existente quando Mylene Silva (2020) coloca que mesmo diante da existência de uma forte crença social existe a possibilidade de apropriação e irrupção de novos significados. Principalmente na atualidade, com o auxílio das mídias sociais, onde tem-se vivenciado cada dia mais o ativismo de mulheres negras em relação a naturalidade de seus cabelos e de seus corpos, trazendo novas formas de se ver, o que auxilia em uma autoestima positiva dessas mulheres (RAFAELE QUEIROZ, 2019).

Classe 6: Hipersexualização dos corpos

A classe 6 foi nomeada “Hipersexualização dos corpos”, com um aproveitamento total de 18% dos ST. Apresentando as palavras “acho”, “negra”, “triste”, “trate” e “só”. Essa classe apresenta conteúdos referentes às crenças normativas, onde as participantes percebem a pressão social exercida para que elas desempenhem seus comportamentos sexuais afetivos de uma determinada forma, seus corpos são vistos como sensual, bonitos, mas como algo a ser desfrutado e não comportam determinado status social, como pode ser visto nos trechos a seguir:

Eu acho que por mais que a experiência não seja completamente a mesma, a gente se vê nesse mesmo testemunho.

De sempre não ser vista como uma mulher, e sim como uma carne (Maria).

Acredito que para as mulheres retintas já tem uma outra experiência. Já é uma outra realidade, talvez até mais desumana, do que para gente que tem a pele mais clara (Carla).

Mas é a negra que é para transar, não é? E não pode reclamar, você devia saber o seu lugar. Façam a leitura de como também o racismo funciona na cabeça dos homens negros (Rose).

Você começa a acreditar que não serve pra ninguém, ninguém vai gostar de você porque você é negra, que você não serve para nada, que você vai procurar o erro em você. Quando o erro não está em você (Lourdes).

Eles só querem se aproveitar da gente de alguma forma e não tecer relações assim autênticas, nem verdadeiras e isso é muito triste porque acaba refletindo nas nossas inseguranças (Luana).

E mesmo assim, por achar que só iremos encontrar isso, só iremos poder viver isso, que não tem mais nada além desse mínimo ou nada que alguém venha a nos oferecer, acabamos por diversas vezes aceitando essa relação. De ficar com algum homem que é branco, que tem um poder aquisitivo na maioria das vezes é maior que o nosso, entendeu? Da mulher que ele está se relacionando também porque ainda tem esse fator, tem esse fator social (Maria).

Desta forma, percebe-se uma hipersexualização desses corpos, vistos como atraentes e que devem ocupar um lugar nas relações sociais tanto com homens brancos quanto com homens negros. Isto é, as crenças destinadas às mulheres negras no período colonial de alguma forma ainda perpetuam nas crenças masculinas na atualidade, o que poderia ser considerado somente história do período colonial permanece vivo nas arraigadas crenças masculinas, adquirindo novas roupagens e funções sociais na atualidade (KLEITON LINHARES, 2015).

Ana Pacheco (2008) corrobora com o evidente preterimento das mulheres negras para construírem uma relação matrimonial até mesmo com os homens negros, citando que há um fenômeno observado nos homens negros que consiste na preferência em casar com mulheres brancas como um meio de ascensão social, prática essa proveniente do período pós-escravista.

No entanto a classe 1 traz uma contraposição em relação a pressão social exercida, diante dessa tensão as mulheres negras respondem de forma subversiva, não aceitando esse lugar, isto é, a motivação para concordar com o comportamento esperado é negativa.

Classe 1: Subversão do lugar esperado

A classe 1 nomeada “Subversão do lugar esperado” teve um aproveitamento total de 16,67% dos ST, apresentando as palavras “acho”, “gente”, “então”, “realidade” e “menos”. A classe apresenta como as mulheres negras reagem à pressão social exercida para que elas ocupem o lugar da mulher negra hipersexualizada e que não são apresentadas socialmente. A subversão a essa pressão leva essas mulheres a um novo lugar, a solidão da mulher negra. Como pode ser visto nos trechos a seguir:

Falar mais sobre isso, não aceita viver isso, não aceita ser escondido, de não ser posta, acho que a gente não está mais nesse momento, porém essa é uma realidade muito difícil porque também quando você se impõe desse jeito você não tem outros relacionamentos (Ana).

E você acha que aquilo vai se repetir porque é sobre você, não sobre o outro. E hoje a gente já tem um pouco mais de condição de entender que é sobre os outros, como elas percebem os nossos corpos (Fátima).

Então essa é a realidade, a possibilidade de sumir é melhor do que a de gostar de alguém (Mirella).

Essa coisa da solidão da mulher negra hoje em dia está circulando muito mais informação na internet, pelo menos quando eu era adolescente, jovem, a

gente não tinha essa situação de informação e é exatamente esse o estereótipo (Lourdes).

As classes 6 e 1 evidenciaram o difícil lugar que a mulher negra pode ser colocada e como isso ocorria inicialmente, antes de existir discussões sobre o tema e até mesmo o compartilhamento das experiências dessas mulheres. A partir dessas experiências essas mulheres foram e são capazes de não aceitar esse lugar de subjugação, evidenciando um lugar para além disso, no entanto, esse lugar pode ser perigoso, levando a mulher a uma solidão e reclusão para novas relações amorosas.

Além disso, as relações afetivo-sexuais dessas mulheres ainda é permeada pelo que podemos chamar de interseccionalidade, que é uma forma de explicar e entender a complexidade das relações entre as pessoas em nosso mundo e as experiências humanas vivenciadas, sendo essas relações interseccionais de poder como influentes das relações sociais, em sociedades marcadas pela diversidade e das experiências individuais no dia-a-dia (COLLINS & BILGE, 2021). As ferramentas analíticas utilizadas pela interseccionalidade são pautadas nas categorias de raça, gênero, classe, orientação sexual, capacidade, etnia, nacionalidade, faixa etária e outros marcadores. As Classes 4 e 5 apresentam conteúdos alusivos à interseccionalidade em relação aos marcadores gênero, raça e classe, quando essas mulheres negras estão diante de relações afetivas sexuais.

Classe 5: Requisitos para uma relação

A classe 5 foi nomeada “Requisitos para uma relação”, apresentou 12,67% de aproveitamento total dos ST, esse classe teve o menor percentual de aproveitamento e trouxe palavras como “mulher negra”, “casado”, “relacionar”, “casar”, “homem” e “poder aquisitivo”. Essa classe evidencia as crenças femininas para que um relacionamento afetivo duradouro venha a ocorrer. Isto é, para que se tenha um relacionamento afetivo duradouro as mulheres negras precisam atender alguns requisitos. Suas crenças sobre o comportamento esperado podem ser vistas nos segmentos:

Eu já me relacionei com um homem, que era para sociedade branco, mas a mulher

dele não era branca. A mulher dele era negra. Negra com um poder aquisitivo altíssimo. E ele não ia deixar a mulher dele pra ficar comigo. E não foi. Aí é quando eu entro nessa vertente, não foi nesse sentido, não foi por causa da cor, e sim por causa do fator social, o poder aquisitivo dela (Fátima).

A cor que a mulher tem, que é a mulher negra, se for do tom mais escuro é pior ainda. Eles querem saber se trabalha, se estuda, o que faz, o que não faz, se tem ensino superior, se não tem. É uma entrevista muito grande. Eu pergunto se é uma entrevista? Porque se for eu não estou candidato a essa vaga, não. Sabemos que com outras mulheres não é assim, entendeu? (Vera).

Por exemplo, eu conhecia a família dos homens que eu fiquei, mas, não existia a possibilidade de ser assumida. E eu sempre me perguntava porquê? Mas é um pouco confuso, porque não assume relacionamento, mas apresenta para família, sabe? Com minhas amigas retintas acontece com maior frequência, elas são desejadas, talvez apenas desejadas, nada além disso (Maria).

Em show, em festa, em evento, no trabalho, quando você vai perguntar se tem alguém que é casado, sempre são as mulheres do tom de pele mais escuro que estão solteiras ou são mães solas (Carla).

Desta forma, fica evidente que além da questão da cor essas mulheres ainda passam por questões de gênero e classe para serem escolhidas para um relacionamento. As crenças em relação a um comportamento esperando, a ascensão a um relacionamento amoroso duradouro são permeadas por crenças que atravessam o tema da interseccionalidade. Diante dessas crenças que são postas por um social e da não aceitação do padrão estabelecido, essas mulheres relatam o quão duro se torna observar isto em suas vidas, isto fica evidente a partir da classe 4.

Classe 4: A solidão da Mulher Negra

A classe 4 intitulada “A Solidão da Mulher Negra” teve aproveitamento total de 22,67% dos ST e apresentou palavras como “relacionamento”, “assumir”, “escutar”, “mostrar” e “colega”. Trazendo à tona o lugar experienciado por essas mulheres por não atenderem ou não se submeterem aos padrões estabelecidos socialmente. Um lugar de solidão e de dor.

O relacionamento não acontece, não vai para frente. Você descobre que existe outra pessoa ou então que essa pessoa que deixou de ficar com você, encontra outra pessoa, e essa pessoa é de um tom de pele diferente do seu (Ana).

Isso machuca, isso dói, isso abre feridas que a gente não sabe se vai fechar algum dia, a gente bota uma pedrinha ali e vai levando, mas a gente não sabe se vai fechar (Rose).

Então, não consegui ter um relacionamento. Eu me sinto invisibilizada, me sinto discriminada, como mulher e mãe (Mirella).

Então a intenção não é assumir, não é acolher, não é ser companheiro. A intenção é justamente mostrar pra alguns conhecidos, alguns colegas que estão simplesmente pegando a pretinha do corpão. Não é só a questão da objetificação, existe também essa invalidez como ser humano. Como assim é a minha vida inserida numa relação que eu não posso opinar, que eu não posso dizer o que é melhor pra mim (Maria).

Então já fico pensando, mesmo que eu queira, mesmo que essa pessoa se mostre um pouco diferente dos outros que eu já tive, eu não vou me envolver para não me machucar (Lorena).

A solidão da mulher negra fica então evidente não como uma escolha livre, mas como algo que é determinado a partir da ruptura do lugar esperado socialmente.

Desta forma, foi possível avaliar as crenças que permeiam as relações afetivas sexuais das mulheres negras. A partir da classe 3 foi possível verificar que existiu e ainda existe uma forte crença das mulheres em relação a modificação dos seus corpos, para assim serem aceitas diante de um padrão cultural de beleza. Como colocado nos trechos, a força das crenças e a avaliação das consequências do comportamento, em relação a ter um cabelo liso, se mostra forte a ponto dessa mudança ocorrer. No entanto, como colocado por Fátima no terceiro trecho, "não há como esconder que se é negra ou que possui certas características".

Além disso, há perigos nessas mudanças. Inicialmente a avaliação das crenças em relação à mudança de seus corpos tem-se uma avaliação favorável ao estabelecido socialmente, mas surge em seus discursos, posteriormente, uma ruptura dessas crenças. A classe 2 apresenta atitudes diferentes em relação à mudança dos corpos, visto que as crenças sobre seus corpos/cabelos são permeadas por novos significados positivos em relação à sua autoestima, tornando assim a atitude em se modificar negativa. E junto a isso uma autoestima favorável a mulher como colocada por Luana no primeiro trecho da classe 2. As atitudes das mulheres negras em relação à mudança dos seus corpos para atender a um padrão cultural de beleza são negativas, o que não leva a realização desse comportamento.

Sobre o eixo hipersexualização dos corpos dessas mulheres, percebeu-se fortes crenças normativas, onde existe uma forte pressão social exercida para que elas ocupem lugares sociais em um relacionamento, como é colocado por Rose no terceiro trecho da classe 6 "*Mas é a negra que é para transar, não é? E não pode reclamar, você devia saber o seu lugar*". Diante dessa pressão social as mulheres respondem de forma negativa a aceitabilidade do lugar, isto é, a motivação para concordar com a pressão é negativa, o que resulta em uma ruptura com o esperado socialmente e o não desenho desse lugar por elas.

Sobre o eixo em relação a interseccionalidade, surgem as crenças dessas mulheres que permeiam três temas, raça, classe e gênero. As crenças apresentadas giram em torno de requisitos para que um relacionamento duradouro e um posterior casamento venha a ocorrer. Diante das crenças comportamentais para se ter um relacionamento, as mulheres avaliam a adequação a essas crenças de forma negativa, não se submetendo a relacionamentos para não passarem por algo que já ocorreu anteriormente, como é dito por Lorena no último trecho da classe 4.

3.4. Conclusão

Este estudo teve como objetivo principal analisar e compreender as crenças comportamentais, normativas e de controle de mulheres negras sobre três eixos, a interseccionalidade, a hipersexualização e o padrão cultural de beleza existente no Brasil. A partir de entrevistas semiestruturadas com mulheres negras de diferentes estados (Bahia, Rio de Janeiro e Sergipe) com idades entre 19 e 41 anos e escolaridade entre ensino médio incompleto a pós-graduadas. A metodologia utilizada foi satisfatória, tendo em vista que o uso do *software* Iramuteq possibilitou o agrupamento das palavras existentes no corpus textual, permitindo assim a análise e visualização das crenças manifestadas pelas mulheres entrevistadas, a partir do referencial teórico TAP.

As classes resultantes da análise pelo método de Reinert, a CHD, resultou em seis classes de palavras que foram analisadas e discutidas a parte de seu agrupamento em pares, onde as classes 3 e 2 ficaram juntas, as classes 1 e 6 emparelhadas e as classes 5 e 4 formaram um novo par. Essas classes trouxeram conteúdos referentes às crenças em um dado momento social e como elas se expressam na atualidade. Desta forma, o que pode-se perceber, é que ocorreu uma espécie de ordem cronológica das crenças das mulheres a partir de dados momentos da sua história.

Sobre as classes 3 e 2 que apresentaram conteúdos referentes ao padrão cultural de beleza, foi possível perceber que na classe 3 ocorreu a expressão das crenças das mulheres sobre a atitude em alterar seus corpos para se adequar aos modelos normativos sociais, onde essas mulheres citaram situações onde sofreram racismo devido ao seu cabelo e como ansiavam por recursos financeiros para modificá-lo, assim como descreveram suas práticas de modificação dos corpos e mesmo assim não se sentiam vistas. Assim, o que se percebe é que as crenças sociais sobre um padrão cultural de beleza em muito afetou a autoestima das mulheres negras. A classe 2 surge com um agrupamento de palavras que rompe com o esperado pelas mulheres negras na classe 3.

A classe intitulada Ruptura normativa dos corpos, evidencia uma descontinuação em relação às crenças em se moldar ao padrão tradicional de mulheres brancas. Nessa classe as mulheres trazem falas de valorização a beleza

negra e como isso só se tornou possível a partir da troca de conhecimento e diálogos com outras mulheres negras, as representatividades, a maturidade em relação aos seus corpos e até mesmo a lógica de mercado, em relação a venda de produtos para essas mulheres.

O eixo hipersexualização dos corpos foi expresso a partir das classes 6 e 1. Onde na classe 6 pode-se perceber crenças em relação a hipersexualização dos seus corpos, mas como alguém que não seria escolhida para ocupar determinada função em um relacionamento social. “A mulher que é vista como uma carne”. Mulheres atraentes que devem ocupar o lugar da clandestinidade nas relações sociais tanto com homens brancos quanto com homens negros. Já a classe 1, nomeada subversão do lugar esperado, mostra mais uma vez uma ruptura do lugar conjecturado para essas mulheres, o que as leva a um lugar de solidão nas relações afetivas sexuais.

O eixo interseccionalidade foi representado pelas classes 5 e 4, onde na classe 5 foi evidenciado requisitos para uma relação amorosa. Esses requisitos passam por questões de gênero, de classe e de raça. Essas mulheres precisam possuir uma certa situação financeira, um tom de pele aceitável, um certo nível de escolaridade e aceitarem certos lugares em um relacionamento, onde seus desejos não são considerados para que haja um relacionamento duradouro. Diante disso, a classe 4 a solidão da mulher negra manifesta a não aceitação dessas mulheres desses requisitos e o que as resta a partir dessa escolha. O lugar de solidão e que conseqüentemente as deixa feridas. Desta forma percebe-se que as relações afetivas sexuais de mulheres negras são afetadas pelo racismo na atualidade, a partir de novos mecanismos sociais.

Apesar da enorme relevância deste estudo, algumas limitações são encontradas. O estudo foi realizado em um curto período de tempo, com apenas 10 participantes, abrangendo somente 3 estados brasileiros e a partir de 3 eixo representativos das relações afetivas sexuais dessas mulheres. O que torna interessante o desenvolvimento de estudos com um número maior de participantes, abrangendo novos estados e incluindo outros temas sobre a sexualidade dessas mulheres.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do explicitado no estudo 1, intitulado: a mulher negra e sua sexualidade na literatura: uma revisão sistemática integrativa, foi possível identificar que as crenças e comportamentos de mulheres negras sobre a sexualidade são reportados de diversas formas, tendo como ponto em comum a presença de três eixos: a interseccionalidade, o padrão cultural de beleza e a hipersexualização. No entanto, essas crenças reportadas são colocadas a vista a partir da literatura existente, não foram encontrados estudos que fizessem entrevistas ou discutisse esses eixos a partir do discurso da própria mulher negra, o que levou ao segundo estudo, intitulado: Crenças e comportamentos de mulheres negras sobre interseccionalidade, padrão cultural de beleza e hipersexualização: um estudo a partir da Teoria da Ação Planejada.

Nesse segundo momento foi possível identificar a partir de um estudo qualitativo com base em entrevistas semiestruturadas quais as crenças e comportamentos das mulheres negras frente aos eixos da interseccionalidade, o padrão cultural de beleza e a hipersexualização. A partir da análise dos dados textuais com auxílio do software Iramuteq podemos identificar seis classes de palavras onde ocorreu uma espécie de ordem cronológica das crenças das mulheres a partir de dados momentos da sua história.

Sobre o eixo padrão cultural de beleza percebe-se que as crenças afetam a autoestima destas mulheres em situações onde sofreram racismo devido ao seu cabelo e como ansiavam por recursos financeiros para modificá-lo, assim como descreveram suas práticas de modificação dos corpos e mesmo assim não se sentiam vistas. Essa classe também apresenta conteúdos de ruptura, de uma descontinuação em relação às crenças em se moldar ao padrão tradicional de mulheres brancas.

O eixo sobre a hipersexualização, percebe-se crenças em relação aos seus corpos, mas como alguém que não seria escolhido para ocupar determinada função em um relacionamento social. Este eixo também apresentou trechos com discursos de ruptura em relação ao lugar esperado para que estas mulheres ocupem, levando-as a um lugar de solidão nas relações afetivas sexuais. O último eixo, da interseccionalidade, foi nomeado desta forma por abarcar questões de gênero, raça e classe social. Onde estas mulheres precisam possuir uma certa situação financeira,

um tom de pele aceitável, um certo nível de escolaridade e aceitarem certos lugares em um relacionamento, onde seus desejos não são considerados, para que haja um relacionamento duradouro, ao romper com esse discurso as mulheres acabam ficando expostas a um lugar de solidão.

Desta forma, o que pode-se concluir a partir dos estudos é que o racismo em muito afeta as relações afetivas sexuais de mulheres negras, além disso fica evidente também a importância das discussões desses temas entre as mulheres e a sociedade para que o peso do racismo não seja atrelado a responsabilidade da vítima. Ademais, o estudo possui suas limitações devido a quantidade de mulheres entrevistadas, o número dos temas abarcados e outros aspectos, que podem ser melhor explorados em pesquisas futuras.

5. REFERÊNCIAS

ABRAHAM, Charles; SHEERAN, Paschal. Acting on intentions: the role of anticipated regret. **Journal of Personality and Social Psychology**, v. 42, n.4, pp. 495-511. 2003. Disponível em: <<https://doi.org/10.1348/014466603322595248>>. Acesso em: 27 nov 2022.

AJZEN, Icek. Attitudes, personality and behavior. Bristol: **Open University Press**, 1991.

AJZEN, Icek; FISHBEIN, Martin. Attitudes and the Attitude-Behavior Relation: Reasoned and Automatic Processes, **European Review of Social Psychology**, v. 11, n.1, pp.1-33. 2000. Disponível em: <<https://doi.org/10.1080/14792779943000116>>. Acesso em: 25 nov. 2022.

AJZEN, Icek; FISHBEIN, Martin. Attitude-behavior relations: A theoretical analysis and review of empirical research. **Psychological Bulletin**, v. 84, n.5, pp. 888–918. 1977. Disponível em <<https://doi.org/10.1037/0033-2909.84.5.888>>. Acesso em: 25 nov 2022.

AJZEN, Icek; FISHBEIN, Martin. The prediction of behavior from attitudinal and normative variables. **Journal of Experimental Social Psychology**, v.6, n.4, pp. 466–487. 1970. Disponível em: <[https://doi.org/10.1016/0022-1031\(70\)90057-0](https://doi.org/10.1016/0022-1031(70)90057-0)>. Acesso em: 27 nov 2022.

AJZEN, Icek; FISHBEIN, Martin. Understanding Attitudes and Predicting Social Behavior. Englewood Cliffs, New Jersey: **Prentice Hall**, 1980.

ANDRÉ, Marli. O que é um estudo de caso qualitativo em educação?. **Revista da FAEBA: Educação e Contemporaneidade**, v.22, n. 40, pp.95-103. Disponível em: <http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010470432013000200009&lng=pt&nrm=iso>.. Acesso em: 25 nov. 2022.

ALMEIDA, Silvio. Racismo estrutural. São Paulo: **Pólen**, 2019.

ASSIS, Dayane Conceição de. Interseccionalidades. Salvador: **UFBA, Instituto de Humanidades, Artes e Ciências; Superintendência de Educação a Distância**, 2019. Disponível em: <<http://repositorio.ufba.br/ri/handle/ri/30892>>. Acesso em: 23 nov. 2022.

BIRUEL, Elisabeth Peres; PINTO, Rosimeire Rocha. **Bibliotecário – um profissional a serviço da pesquisa**. In: Anais do XXIV Congresso Brasileiro de Biblioteconomia, Documentação e Ciência da Informação, Sistemas de Informação, Multiculturalidade e Inclusão Social. Maceió, Alagoas, 07 a 10 de agosto de 2011. Disponível em: <https://www.academia.edu/9594560/Bibliotec%C3%A1rio_um_profissional_a_servi%C3%A7o_da_pesquisa#:~:text=Localizar%20com%20m%C3%A1xima%20efici%C3%A2ncia%20as,como%20recomenda%C3%A7%C3%B5es%20para%20futuros%20estudos>. Acesso em: 05 mai. 2022.

BRAH, Avtar. Diferença, diversidade, diferenciação. **Cadernos Pagu**, v.26, pp. 329–376. 2006. Disponível em: <<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/article/view/864474>>. Acesso em: 24 nov. 2022.

BRANDÃO, Elaine Reis, et. al. Os perigos subsumidos na contracepção de emergência: moralidades e saberes em jogo. **Horizontes Antropológicos**, n. 47, p. 131-161. 2017. Disponível em: < <https://doi.org/10.1590/S0104-71832017000100005>>. Acesso em: 10 jun. 2022.

BRASIL, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). **Condições de vida, desigualdade e pobreza**. 2018. Disponível em: <<https://www.ibge.gov.br/estatisticas/multidominio/condicoes-de-vida-desigualdade-e-pobreza/9221-sintese-de-indicadores-sociais.html?=&t=resultados>>. Acesso em: 30 mai. 2022.

BRASIL, Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA). Retrato das desigualdades de gênero e raça. 4ªed. Brasília: **IPEA**, 2021. Disponível em: <<https://www.ipea.gov.br/retrato/pdf/revista.pdf>>. Acesso em: 25 nov. 2022.

BROWN, Sally. Institutional Strategies for Assessment. **The Society for Research into Higher Education and Open University Press**: Buckingham, 1999.

CALLANDER, Denton; NEWMAN, Christy; HOLT, Martin. Is sexual racism really racism? Distinguishing attitudes toward sexual racism and generic racism among gay and bisexual men. **Archives of Sexual Behavior**, v. 44, n. 7, p. 1991-2000. 2015. Disponível em: <<https://doi.org/10.1007/s10508-015-0487-3>>. Acesso em: 20 mai. 2022.

CAMARGO, Brígido Vizeu; JUSTO, Ana Maria. Iramuteq: um software gratuito para análise de dados textuais. **Temas em Psicologia**, v. 21, n. 2, 2013. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.9788/TP2013.2-16>>. Acesso em: 25 nov. 2022.

CANDIDO, Márcia Rangel. FERES JÚNIOR, João. Representação e estereótipos de mulheres negras no cinema brasileiro. **Rev. Estudos Feministas**, v. 27, n. 2. 2018. DOI: <10.1590/1806-9584-2019v27n254549>. Acesso em: 10 jun. 2022.

CARNEIRO, Sueli. Gênero Raça e Ascensão Social. **Rev. Estudos Feministas**, v. 3, n. 2, p. 544–552. 1995. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/%25x>>. Acesso em: 20 mai. 2022.

CARNEIRO, Sueli. **Racismo, sexismo e desigualdade no Brasil**. São Paulo: Selo Negro, 2011.

CARRERA, Fernanda. Algoritmização de estereótipos raciais em bancos de imagens: a persistência dos padrões coloniais Jezebel, Mammy e Sapphire para mulheres negras. **Palavra Chave**, v. 24, n. 3. 2021. DOI: <doi.org/10.5294/pacla.2021.24.3.3>. Acesso em: 10 jun. 2022.

CECHETTO, Fátima; MONTEIRO, Simone; VARGAS, Eliane. Sociabilidade juvenil, cor, gênero e sexualidade no baile charme carioca. **Cadernos de Pesquisa**, v. 42, n. 146, p. 454-473. 2012. DOI: < <https://doi.org/10.1590/S0100-15742012000200008>>. Acesso em 10 jun. 2022.

CERQUEIRA, Andreza Lorena Santos. Mulheres negras e interseccionalidades em cenas musicais de paredão, pagode e samba em Salvador, Bahia. Salvador: **SIBI/UFBA**, 2021.

CHINAZZO, Ítala Raymundo; CÂMARA, Sheila Gonçalves; FRANTZ, Deise Gabriela. Comportamento sexual de risco em jovens: aspectos cognitivos e emocionais. **Psico-USF**, v. 19, n.1, 2014. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S1413-82712014000100002>>. Acesso em: 27 nov. 2022.

CRENSHAW, Kimberlé Williams. Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero. **Revista de Estudos Feministas**, v. 7, n. 12, p. 171-88. 2002.

COLLINS, Patricia Hill; BILGE, Sirma. (Trad.) Souza, Rane. São Paulo: **Boitempo**, 2020.

CURIEL, Ochy. Construyendo metodologías feministas desde el feminismo decolonial. In: Irantzu Mendia Azkue et al. Otras Formas de (Re)Conocer: Reflexiones, herramientas y aplicaciones desde la investigación feminista. **Donostia-San Sebastian: Hegoa**, 2014.

D'AMORIM, Maria Alice. A teoria da ação racional nos comportamentos de saúde. **Temas em Psicologia**, v.8, n.1, pp. 39-44, 2008. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413389X2000000100005&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 26 nov. 2022.

ENGEL, James; BLACKWELL, Roger; MINIARD, Paul. Comportamento do Consumidor. 9ª ed, São Paulo: **Pioneira Thomson Learning**, 2005.

FERNANDES, Sheyla Christine Santos et al. Teoria da ação planejada como suporte teórico e metodológico: uma aplicação da teoria da ação planejada. **Interação em Psicologia**, Curitiba, v. 23, n. 1, apr. 2019. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.5380/psi.v23i1.55695>>. Acesso em 24 nov. 2022.

FERNANDES, Sheyla Christine Santos; ALMEIDA, Saulo Santos Menezes de; NASCIMENTO, Conceição Bruna Soares do. Teoria da ação planejada como suporte teórico e metodológico: uma aplicação da teoria da ação planejada. **Psicologia**, v. 39, n. 4. 2009. Disponível em: <<https://revistaseletronicas.pucrs.br/index.php/revistapsico/article/view/1451>>. Acesso em: 25 nov. 2022.

FISHBEIN, Martin; AJZEN, Icek. Belief, attitude, intention and behavior: An introduction to theory and research. Reading, Massachusetts: **Addison- Wesley**. 1975.

FRANÇA, Dalila Xavier de; LIMA, Marcus Eugênio Oliveira. Trajetórias de pesquisa sobre Preconceito e Relações intergrupais no Brasil. São Cristóvão: **EDUFS**. 2019.

FRANCO, Marina Haase da Costa, et al. Desigualdade de gênero e escuta psi de mulheres atendidas na atenção básica. **Psicologia: Ciência e Profissão**, v. 41, p. 1-15. 2021. DOI: <<https://doi.org/10.1590/1982-3703003225110>>. Acesso em: 10 jun. 2022.

GALVÃO, Maria Cristina. Níveis de Evidência. **Acta Paulista Enfermagem**, v. 19, n. 2, 2006. DOI: <doi.org/10.1590/S0103-21002006000200001>. Acesso em: 05 mai. 2022.

GAMA, Isabele Caroline de Aguiar; OLÍMPIO, Ramon. O peso do racismo sob a estética da mulher negra. In: **X Congresso Brasileiro de Pesquisadores Negros**. 2018. Disponível em: <https://www.copene2018.eventos.dype.com.br/resources/anais/8/15554687ARQUIVO_artigo-isabelagama-doc.pdf>. Acesso em: 10 mai. 2022.

GOETZ, Christopher et al. Movement Disorder Society-sponsored revision of the Unified Parkinson's Disease Rating Scale (MDS-UPDRS): scale presentation and clinimetric testing results. **National Library of Medicine**, v. 23, n. 15, 2008. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1002/mds.22340>>. Acesso em: 26 nov. 2022.

GOMES, Ingrid Raphaelle Rolim Gomes; FERNANDES, Sheyla Christine Santos. A permanência de mulheres em relacionamentos abusivos à luz da teoria da ação planejada. *Boletim – Academia Paulista de Psicologia*, v. 38, n. 94, 2018. Disponível em: <<http://pepsic.bvsalud.org/S1415-711X2018000100006&lng=pt&nrm=iso>>. Acesso em 29 nov. 2022.

HOYT JR., Carlos. The pedagogy of the meaning of racism: reconciling a discordant discourse. **Social Work**, v. 57, n. 3, p. 225-234. 2012. Disponível em: <doi.org/10.1093/sw/sws009>. Acesso em: 10 mai. 2022.

LACERDA, Marina Basso. Colonização dos corpos: Ensaio sobre o público e o privado. Patriarcalismo, patrimonialismo, personalismo e violência contra as mulheres na formação do Brasil. **PUC-RJ**: Rio de Janeiro, 2010.

LINHARES, Kleiton. O corpo da mulher negra: a dualidade entre o prazer e o trabalho. **UNIOESTE**: Cascavel, 2015.

LIMA, Marcos Eugênio. Psicologia social do preconceito e do racismo. São Paulo: **Edgard Blucher**, 2016.

LIMA, Marcus Eugênio Oliveira; Vala, Jorge. As novas formas de expressão do preconceito e do racismo. **Estudos de Psicologia**. v. 9, n. 3, p. 401-411. 2004. DOI: <doi.org/10.1590/s1413-294x2004000300002>. Acesso em: 10 mai. 2022.

LUGONES, María. Rumo a um feminismo descolonial. **Rev. Estudos Feministas**, v. 22, n.3. 2014. DOI: <https://doi.org/10.1590/%25x>. Acesso em: 10 jun. 2022.

MENDES, Karina Dal Sasso; CAMPOS, Renata Cristina de; GALVÃO, Maria Cristina Silveira Pereira. Revisão Integrativa: método de pesquisa para a incorporação de evidências na saúde e na enfermagem. **Texto Contexto Enfermagem**, v. 17, n. 4, p. 758-764, 2008. DOI: <doi.org/10.1590/S0104-07072008000400018>. Acesso em: 05 mai. 2022.

MESSIAS, Tamyres Laysla; AMORIM, Malú Flávia Porto. RELAÇÕES AFETIVAS E MULHERES NEGRAS: OBJETO SEXUAL OU SOLIDÃO. **Revista Espirales**, v. 2, n. 4, p. 12-35, 2019.

MOHER, David, et. al. Preferred Reporting Items for Systematic Reviews and Meta-Analyses: The PRISMA Statement. **Academia and Clinic**. 2009. DOI: <doi.org/10.7326/0003-4819-151-4-200908180-00135>. Acesso em: 05 mai. 2022.

MONTORO, Tania; FERREIRA, Ceíça. **Animus. Revista Interamericana De Comunicação Midiática**, v. 13, n.25, 2014. Disponível em: <https://doi.org/10.5902/217549771304>. Acesso em: 23 mai. 2022.

MOUTINHO, Karina; ROAZZI, Antônio. As teorias da ação racional e da ação planejada: relações entre intenções e comportamentos. **Avaliação Psicológica**, Porto Alegre , v. 9, n. 2, pp. 279-287, 2010. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/avp/v9n2/v9n2a12.pdf>. Acesso em: 25 nov. 2022.

MUNANGA, Kabengele. Uma Abordagem Conceitual das Noções de Raça, Racismo, Identidade e Etnia. **PENESB**, n. 5, pp. 15 – 34. 2000. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/wp-content/uploads/2014/04/Uma-abordagem-conceitual-das-nocoos-de-raca-racismo-dentidade-e-etnia.pdf>. Acesso em: 10 mai. 2022.

OLINTO, Maria Teresa Anselmo; OLINTO, Beatriz Anselmo. Raça e desigualdade entre as mulheres: um exemplo no sul do Brasil. **Cadernos de Saúde Pública**, v. 16, p. 1137-1142, 2000.

OLIVEIRA, Michel de; LUZ, Annelena Silva da. Subversões dos estereótipos do corpo negro no ensaio Rio Baile Funk. **Culturas Midiáticas**, v. 12, n. 1, pp. 86–101, 2019. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/index.php/cm/article/view/44375>. Acesso em: 22 mai. 2022.

PACHECO, Ana Cláudia Lemos. *“Branca para casar, mulata para f... e negra para trabalhar”*: escolhas afetivas e significados de solidão entre mulheres negras em Salvador, Bahia. Campinas: **UNICAMP**. 2008.

PACHECO, Ana Claudia Lemos. **Mulher negra**: afetividade e solidão. Salvador: Edufba, 2013.

PIETERSE, Alex; CARTER, Robert; RAY, Kilynda. Racism-related stress, general life stress, and psychological functioning among black American women. **Journal of Multicultural Counseling and Development**, v. 41, n. 3, p. 36-46. 2013. Disponível em: <<https://doi.org/10.1002/j.2161-1912.2013.00025>>. Acesso em: 10 mai. 2022.

PINTO, Márcia Cristina Costa; Ferreira, Ricardo Franklin. Relações raciais no Brasil e a construção da identidade da pessoa negra. **Pesquisas e Práticas Psicossociais**. V. 9, n. 2, p. 257-266. 2014. Disponível em: <<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/ppp/v9n2/11.pdf>>. Acesso em: 15 mai. 2022.

ROCCAS, Sonia; BREWER, Marilyn. Social identity complexity. **Personality and Social Psychology Review**, v. 6, n. 2, p. 88-106. Disponível em: <doi.org/10.1207/S15327957PSPR0602_01>. Acesso em: 20 mai. 2022.

RODRIGUES, Ana Paula Gil. Mulheres negras protagonistas. In: **Anais do VI Simpósio Gêneros e Políticas Públicas**, v. 6, n. 1, 2020. DOI: <doi.org/10.5433/SGPP.2020v6.p123>. Acesso em: 15 mai 2020.

SANTOS, Cristina Mamédio da Costa. PIMENTA, Cibele Andrucioli de Mattos. NOBRE, Moacyr Roberto Cuce. A estratégia PICO para a construção da pergunta de pesquisa e busca de evidências. **Rev. Latino-Am Enfermagem**, v. 15, n. 3, p.508-11, 2007. Disponível em: <doi.org/10.1590/S0104-11692007000300023>. Acesso em: 23 mai, 2022.

SANTOS, Júlia Pereira da Silva; LIMA, Denise Aristimunha de. Mc Beyoncé e Ludmilla: uma análise das imagens de controle na trajetória artística da cantora Ludmilla. **Anais do Salão Internacional de Ensino, Pesquisa e Extensão**, v. 2, n. 2022. Disponível em: <<https://periodicos.unipampa.edu.br/index.php/SIEPE/article/view/115709>>. Acesso em: 19 mai 2022.

SILVA, Tarcízio. Racismo algorítmico e plataformas digitais: Microagressões e discriminação em código. In: LiteRua. **Comunidades, Algoritmos e Ativismos Digitais: olhares afrodiáspóricos**. 2020.

SOUZA, Marcela Tavares de; SILVA, Michelly Dias da; CARVALHO, Rachel de. Revisão integrativa: o que é e como fazer. **Einstein**, v. 8, n. 1, p. 102-106, 2010. Disponível em: <doi.org/10.1590/s1679-45082010rw1134>. Acesso em: 05 mai 2022.

TAGUIEFF, Pierre-André. O Racismo. Trad.: Godinho, José Luís. Lisboa: **Instituto Piaget**. 2001

VERAS, Renata Meira et al. A educação para as relações étnico-raciais e a formação docente na Universidade do Estado da Bahia. **New Trends in Qualitative Research**, v. 12, n. 1, 2022. Disponível em: <<https://doi.org/10.36367/ntqr.12.2022.e631>>. Acesso em: 24 nov 2022.

VIANA, Ana Carolina; SANTOS, Cristiane; EZECHIELLO, Rafaela. A hipersexualização da mulher negra. **Materializando conhecimentos**, v.9, n.1. 2019. Disponível em: <<https://www.redeicm.org.br/wp-content/uploads/sites/A-hipersexualiza%C3%A7%C3%A3o-da-mulher/negra>>. Acesso em: 24 nov. 2022.

VIEIRA, Camilla Gabrielle Gomes. Experiências de solidão da mulher negra como repercussão do racismo estrutural brasileiro. **Pretextos-Revista da Graduação em Psicologia da PUC Minas**, v. 5, n. 10, p. 291-311, 2020.

ZAMORA, Maria Helena Rodrigues Navas. Desigualdade racial, racismo e seus efeitos. **Fractal: Revista de Psicologia**, v. 24, n. 3, p. 563-578. 2012. Disponível em: <<https://periodicos.uff.br/fractal/article/view/4915/4757>>. Acesso em: 15 mai 2022.

ANEXOS

ANEXO I

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Você está sendo convidado a participar do projeto de pesquisa: **A influência do racismo nas relações afetivo-sexuais de mulheres negras**. Os pesquisadores responsáveis são: a **Professora Dra. Sheyla Fernandes**, do Curso de Pós-graduação *Stricto Sensu* em Psicologia do Instituto de Psicologia da Universidade Federal de Alagoas –IP UFAL, Campus A. C. Simões, e de sua aluna de mestrado **Nadma Thauara Gomes Oliveira Santos**. A seguir, constam as **INFORMAÇÕES SOBRE O PROJETO DE PESQUISA E SOBRE SUA PARTICIPAÇÃO**:

1. O estudo se destina a compreender de que maneira o racismo influencia as relações afetivo-sexuais de mulheres negras.
2. A importância deste estudo se dá pela necessidade de compreender de que maneira se estruturam as relações afetivo-sexuais de mulheres negras diante do racismo, analisando as produções bibliográficas acerca das crenças e comportamentos de mulheres negras sobre sexualidade no contexto da teoria da ação planejada e investigando os efeitos do racismo na mulher negra diante das relações afetivo-sexuais.
3. Investigar de que modo o racismo se estrutura e influencia as relações afetivo-sexuais de mulheres negras, a partir de pesquisas bibliográficas e questionário virtual.
4. A produção de dados se dará por meio de coleta de informações via questionário online.
5. Através de redes de contato online, os participantes serão convidados a responderem ao questionário virtual disponível na plataforma GOOGLE FORMS.
6. É importante destacar que na possibilidade de experimentar sensação de constrangimento, ansiedade ou quaisquer tipos de desconforto, ao responder o questionário, você poderá desistir de participar a qualquer momento.

7. Você poderá contar com a assistência do Serviço de Psicologia no Instituto de Psicologia da Universidade Federal de Alagoas, *Campus A.C. Simões*.
8. Você poderá ter acesso ao resultado final do estudo e sempre que desejar, serão fornecidos esclarecimentos sobre cada uma das etapas do estudo.
9. As informações conseguidas através da sua participação não permitirão a identificação da sua pessoa, exceto para a equipe de pesquisa e em casos especiais com seu consentimento por escrito, e a divulgação das informações mencionadas só serão feitas entre os profissionais estudiosos do assunto e após a sua autorização.
10. O estudo não acarretará nenhuma despesa para você.
11. Você poderá entrar em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos (CEP) da UFAL para algum esclarecimento que tenha necessidade. O CEP é responsável pela avaliação e acompanhamento dos aspectos éticos de todas as pesquisas envolvendo seres humanos. Diante de quaisquer ocorrências irregulares ou danosas durante a sua participação no estudo, dirija-se ao: Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal de Alagoas Prédio do Centro de Interesse Comunitário (CIC), Térreo, Campus A. C. Simões, Cidade Universitária. Contato: cep@ufal.br.
12. **Caso você deseje por livre e espontânea vontade participar desta pesquisa, por favor, assinar na linha preta contínua dentro do quadro abaixo:**

Eu, _____
_____, tendo compreendido perfeitamente tudo o que me foi informado sobre a minha participação no mencionado estudo e estando consciente dos meus direitos, das minhas responsabilidades, dos riscos e dos benefícios que a minha participação implicam, concordo em dela participar, DOU O MEU CONSENTIMENTO SEM QUE, PARA ISSO, EU TENHA SIDO FORÇADA/O OU OBRIGADA/O.

Maceió, ____ de ____ de 202__.

13. Informações complementares:

ENDEREÇO DO(S) RESPONSÁVEL(IS) PELA PESQUISA (OBRIGATÓRIO):

Prof Dra. Sheyla Christine Santos Fernandes

- Instituição: Instituto de Psicologia (IP), Universidade Federal de Alagoas (UFAL).
- Endereço: Av. Silvio Carlos Viana, 2343, ap 503 CEP: 570351600 Maceió - AL.
- Telefones p/contato: (82) 99364300

Nadma Thauara Gomes de Oliveira Santos

- Instituição: Instituto de Psicologia (IP), Universidade Federal de Alagoas (UFAL).
- Endereço: Rua Canadá, 403, Bairro Novo Paraíso, Aracaju/SE, CEP 49080-135
- Telefones p/contato: (79) 998250947

CONTATOS DE URGÊNCIAS:

Prof Dra. Sheyla Christine Santos Fernandes

- Instituição: Instituto de Psicologia (IP), Universidade Federal de Alagoas (UFAL).
- Endereço: Av. Silvio Carlos Viana, 2343, ap 503 CEP: 570351600 Maceió - AL.
- Telefones p/contato: (82) 99364300

Nadma Thauara Gomes de Oliveira Santos

- Instituição: Instituto de Psicologia (IP), Universidade Federal de Alagoas (UFAL).
- Endereço: Rua Canadá, 403, Bairro Novo Paraíso, Aracaju/SE, CEP 49080-135

- Telefones p/contato: (79) 998250947

ATENÇÃO!

Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal de Alagoas

- Prédio do Centro de Interesse Comunitário (CIC), térreo, Campus A. C. Simões, Cidade Universitária.
- Telefone: 3214-1041 – Horário de Atendimento: das 8:00 às 12:00hs. E-mail: comitedeeticaufal@gmail.com

Assinatura ou impressão
datiloscópica d(a)
voluntária(a) ou responsável
legal e rubricar as demais
folhas

Prof. Dra. Sheyla Christine Santos Fernandes

Nadma Thauara Gomes de Oliveira Santos

ANEXO II

Instrumento Capítulo 2 – Roteiro da entrevista semiestruturada

- Olá, Meu nome é XXXXX, sou estudante de mestrado da Universidade Federal de Alagoas.
- Bem-vinda, você está participando da pesquisa de mestrado intitulada “A INFLUÊNCIA DO RACISMO NAS RELAÇÕES AFETIVO-SEXUAIS DE MULHERES NEGRAS”. Essa é uma pesquisa da Mestranda Nadma Santos. Meu objetivo hoje com você é realizar uma entrevista semi-estruturada, antes da entrevista começar irei passar um áudio com a fala de uma mulher negra e depois desse áudio iniciaremos o diálogo.

Primeiro Áudio: Hipersexualização

Esse ano completa 12 anos que eu estou solteira. Tive um relacionamento com um homem negro quando eu tinha 18 anos e que durou 3 anos. Hoje eu vejo o quanto foi um relacionamento problemático, porque ele era 9 anos mais velho que eu, mas eu não desconsidero tudo o que eu vivi naquele relacionamento. Uma coisa que ele me disse quando terminamos e que me marcou muito foi que eu seria uma pessoa apenas de “corpo e carro”, ou seja: que as pessoas iriam se interessar afetivamente por mim somente pelo meu corpo e porque eu tinha um carro. Eu acho que ele nem deve lembrar disso, mas até hoje eu não esqueci. Depois disso eu nunca mais engatei em um relacionamento sério com ninguém.

- Alguma dúvida até o momento? Posso soltar o áudio?

Vou passar o primeiro áudio e a gente conversa um pouco e em seguida passarei os demais.

- Gostaria de ouvir novamente?
- Como você se sentiu ouvindo este áudio?
- Você acha que isso acontece na realidade?
- Como foi ou como é ter essa realidade?
- Quando houver alguma dúvida (como assim/fale um pouco mais sobre isso)

Segundo Áudio: interseccionalidade

A vaidade nunca se fez presente na minha vida: me arrumar, maquiar, nunca aconteceu comigo. Eu não sabia porque, mas refletindo hoje eu percebo que esse era um movimento para me esconder, para que as pessoas não pudessem me notar, fazendo com que eu sofresse menos. Eu nunca me senti desejada por alguém. Como uma mulher preta retinta de cabelos crespos e pobre pode despertar atração em alguém? Sofri bastante com a escassez financeira, não tinha as melhores roupas, sapatos, etc. Consequentemente não seria a pessoa que iria andar de mãos dadas com alguém ou ser apresentada para a família. Quando acontecia de alguém ficar comigo era escondido, ninguém poderia saber e eu aceitava isso. Não sei se a palavra certa era aceitar, mas via como minha única opção: era aquilo ou nada. Qualquer coisa mínima já era demais para mim.

- Finalizou sua resposta?
- Posso passar o segundo áudio?
- Conseguiu ouvir bem? Gostaria de ouvir novamente?

- Como você se sentiu ouvindo este segundo áudio?
- Você acha que isso acontece na realidade?
- Como foi ou como é ter essa realidade?
- Quando houver alguma dúvida (como assim/fale um pouco mais sobre isso)

Terceiro Áudio: padrão cultural de beleza

Há alguns anos atrás eu fiquei com um homem médico e branco, nós conversávamos todos os dias. Num determinado final de semana dormimos juntos e para mim estava tudo bem. Eu tinha entendido que estávamos ficando. No final de semana seguinte ele viajou para o interior para encontrar a família. Porém, por um descuido dele ou não, ele havia postado numa rede social, fotos dessa viagem acompanhando por uma mulher que eu não sabia quem era. Quando eu o questionei sobre as fotos, ele me disse que não teve coragem de me contar que a mulher das fotos era a namorada dele, e que nós dois não tínhamos nada sério. Fiquei pensando que não houve nenhum tipo de consideração por parte dele. Esse momento gerou em mim uma ferida muito grande porque eu sou uma mulher negra, e a escolhida para ser apresentada a família foi uma mulher branca padrão

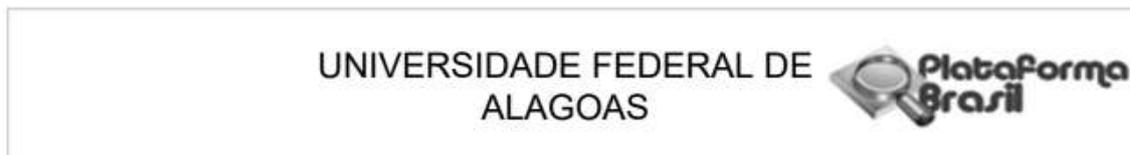
- Finalizou sua resposta?
- Posso passar o terceiro áudio?
- Conseguiu ouvir bem? Gostaria de ouvir novamente?
- Como você se sentiu ouvindo este terceiro áudio?
- Você acha que isso acontece na realidade?
- Como foi ou como é ter essa realidade?
- Quando houver alguma dúvida (como assim/fale um pouco mais sobre isso)

Dados sociodemográficos:

- Estado
- Cidade
- Idade
- Gênero
- Cor
- Estado civil
- Escolaridade
- Profissão

ANEXO III

Aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal de Alagoas



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: A INFLUÊNCIA DO RACISMO NAS RELAÇÕES AFETIVO-SEXUAIS DE MULHERES NEGRAS

Pesquisador: NADMA THAUARA GOMES DE OLIVEIRA SANTOS

Área Temática:

Versão: 2

CAAE: 55358322.6.0000.5013

Instituição Proponente: Instituto de Psicologia

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 5.407.490

Apresentação do Projeto:

O presente projeto tem como objetivo analisar o papel do racismo nas relações afetivo-sexuais de mulheres negras. Para tanto, o estudo será dividido em duas etapas: 1) Revisão sistemática da literatura; 2) Aplicação de um questionário virtual. Na primeira etapa será realizado um levantamento bibliográfico de cunho sistemático de artigos nacionais e internacionais que discutam as crenças e comportamentos de mulheres negras sobre a sexualidade. A segunda etapa buscará analisar como são estruturadas as relações afetivo-sexuais de mulheres negras, considerando a influência do racismo nessas relações.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

São apresentados os termos obrigatórios. O TCLE foi reformulado de acordo com as solicitações do Parecer emitido pelo CEP.

Recomendações:

Vide campo "Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações"

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Projeto Aprovado.

Ressalta-se a importância de atualizar o cronograma, pois este CEP não se responsabiliza por dados de pesquisa já coletados.

Considerações Finais a critério do CEP:

Protocolo Aprovado